



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ENSINO DE HISTÓRIA E PERTENCIMENTOS NACIONAIS: NARRATIVAS DE
ALGUNS JOVENS SERGIPANOS SOBRE O BRASIL**

CRISLANE DIAS SANTANA

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ENSINO DE HISTÓRIA E PERTENCIMENTOS NACIONAIS: NARRATIVAS DE
ALGUNS JOVENS SERGIPANOS SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL**

CRISLANE DIAS SANTANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marizete Lucini

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2019

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S232e Santana, Crislane Dias

Ensino de história e pertencimentos nacionais : narrativas de alguns jovens sergipanos sobre a história do Brasil / Crislane Dias Santana ; orientadora Marizete Lucini. – São Cristóvão, SE, 2019. 96 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.

1. Educação - Sergipe. 2. História – Estudo e ensino - Brasil. 3. Adolescentes. 4. Cidadania. I. Lucini, Marizete, orient. II. Título.

CDU 37.016:94(81)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO



CRISLANE DIAS SANTANA

ENSINO DE HISTÓRIA E PERTENCIMENTOS NACIONAIS:
NARRATIVAS DE ALGUNS JOVENS SERGIPANOS SOBRE O BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em: 27.02.2019

Prof.^a Dr.^a Marizete Lucini (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. Itamar Freitas de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.^a Dr.^a Caroline Pacievitch
Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS

Dedico este trabalho a minha avó Zefinha (*in memoriam*) e minha mãe mulheres que me ensinaram que numa sociedade onde se nega nossa liberdade e independência só nos resta lutar por elas.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer imensamente a minha mãe Sônia por continuar apoiando, emocionalmente e financeiramente, minhas escolhas profissionais. Sei como isso é importante para ela também, seguimos juntas nesse processo de crescimento profissional e pessoal.

Minhas raízes são do interior sergipano, do Povoado Mocambo na zona rural da cidade de Frei Paulo, faz alguns anos que escolhi por seguir a vida acadêmica e nessa caminhada de vivência e sobrevivência fora do meu lugar de origem o auxílio financeiro das bolsas foi imprescindível, desde 2011 na graduação como bolsista do Programa de Educação Tutorial em História (PET História/UFS) até o mestrado.

Só quem passa por esse processo e vem de origem familiar humilde sabe como não só o acesso, mas a permanência na Universidade muitas vezes depende da concessão das bolsas e auxílios, por isso, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado em 2018 que foi essencial para que pudesse finalizar o processo da pesquisa.

A minha Orientadora maravilhosa Profa. Dra. Marizete Lucini que esteve ao meu lado nos piores e melhores momentos desse processo de pós-graduação e das pressões que acarreta. Muito obrigada pela paciência, pelas palavras e por sempre estar ao lado das/dos suas/seus orientandas/orientandos.

Agradeço também ao Prof. Dr. Dilton Maynard e a minha querida amiga Karla Karine, por me ajudarem no primeiro ano do mestrado me possibilitando ter uma renda quando ainda não havia possibilidade de bolsa, sem essa ajuda talvez não tivesse continuado, meu muito obrigada!

Aquelas que fazem parte de mim e seguem comigo mesmo não estando tão presentes como eu gostaria, minhas primas Claudiane e Cleidiane, a minha irmã Karol, que me ajudou diretamente nos arranjos finais do texto já que muitas vezes o tempo não é generoso e acabamos por sempre precisar de ajuda.

A minha sergigaúcha Priscila que tive o prazer de conhecer através do Programa de mobilidade acadêmica (PROMOB) realizado entre os Programas de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pri, obrigada por me sacudir da apatia que às vezes cega e perceber que nós mulheres, e ainda mais, Professoras de História somos seres políticos e que o silêncio não é e nem nunca será uma opção.

Falar do PROMOB/UFS é também agradecer os 30 dias que eu e mais 3 colegas (Laís, Livia e Leyla) passamos em Porto Alegre junto a UFRGS, foram dias intensos e de trocas de experiências, muita desconstrução e aprendizado. Foram encontros potentes, muitos guiados pelas Professoras Carla Meinerz, Maria Aparecida Bergamaschi e Caroline Pacievitch (que não estava participando da mobilidade, mas também me acolheu nas atividades) as experiências que tive lá me mudaram como pesquisadora, professora, mulher e com certeza deram um novo “tom” para minha pesquisa.

Agradeço ainda as/aos minhas/meus amigas/amigos de caminhada da vida que me acompanharam nesse processo, Andrey, Renan, Thaís, Leyla, Laís e Priscila pela ajuda nas revisões do texto, no olhar atento, nas indagações e também por me acompanharem nas horas de agonia, ansiedade, alegria e nos brindes a vida. Encerro esse ciclo com muita alegria e com esperança de que mais pessoas que saíram de suas casas no interior, das zonas rurais, das comunidades indígenas e quilombolas continuem tendo essa oportunidade daqui para frente, que deixe de ser tida como um “privilégio” para ser devidamente tratada como direito de todas/todos.

RESUMO

A presente pesquisa objetivou analisar as narrativas produzidas por jovens sobre a história do Brasil e identificar possíveis pertencimentos nacionais advindos dos conhecimentos históricos escolares e extraescolares dessas/desses estudantes. A proposta de investigar narrativas sobre pertencimentos vinculou-se a uma Pesquisa em rede também desenvolvida juntamente com outras instituições nacionais (UFRGS, UEPG, UFS e o IFG), denominada “O país e o mundo em poucas palavras: narrativas de jovens sobre seus pertencimentos - implicações para o ensino de história”. Consideramos que as narrativas sobre os pertencimentos nacionais estão permeadas por saberes que circulam socialmente e participam dos processos de ensinar e aprender história. Nesse sentido nos interessa saber quais são os conhecimentos históricos sobre o Brasil narrados por jovens sergipanos/sergipanos com 12 e 16 anos de idade. Como instrumentos de pesquisa priorizamos a aplicação de questionário com questões (duas) abertas, que foram realizadas em duas escolas públicas (A e B). A análise foi desenvolvida a partir da primeira questão sobre a história do seu país e ancorou-se teoricamente em alguns autores do campo da Didática da História, que compreendemos como um campo que nos permite refletir sobre o ensino e a aprendizagem da História. Nesse aspecto, as discussões nesse campo, nos permitiram compreender a formação da identidade e da cidadania como conceitos que são desenvolvidos no Ensino de História, mas que não se restringem a ele. A formação para a cidadania perpassa conteúdos e práticas que potencializam a compreensão da sociedade no presente, portanto, é aspecto essencial nas discussões que envolvem a Didática da História. Nesta dissertação, as reflexões incidiram sobre uma amostra de dados que nos possibilitou compreender que as narrativas sobre a História do Brasil, elaboradas pelos/pelas jovens sergipanos que participaram da amostra, privilegiaram o Acontecimento fundador; a História marcada pela violência fundadora; a Relação passado presente (subdividida em duas): presente problemático e satisfatório e a Relação de pertença nacional. Os resultados nos possibilitam refletir que apesar de externarem uma compreensão acerca do passado do país elas/eles nem sempre estabelecem um sentimento de pertença em relação a alguns acontecimentos históricos e pouco se identificam com personalidades históricas femininas, negras/negros e indígenas que também construíram/constroem a história do Brasil. Observamos também que eles/elas relacionam acontecimentos do passado com o presente, de modo linear e não linear e colocam em evidência saberes que circulam socialmente.

Palavras-chave: Ensino de História. Didática da História. Pertencimentos nacionais. Narrativas.

ABSTRACT

This research has objectified analyzing the produced narratives by young people about the history of Brazil and to identify possible national belongings accrued from scholastic and extra scholastic historical knowledge from these students. The porpoise of investigating narratives about belongings was linked to a research in web also developed together with another national institutions (UFRGS, UEPG, UFS, and the IFG), denominated “The country and the world in few words: narratives of young people about belongings – implications to the history teaching”. We consider that the narratives about the national belongings are permeated for knowledge that circles socially and are part of the processes of teaching and learning history. In this sense interest to us know which are these historical knowledge about Brazil narrated by youth of Sergipe in a age range between 12 and 16 years old. As research instruments, we prioritize the application of questionnaire with open questions (two), that were accomplished in two public schools (*A and B*). The analysis was developed from the first question about the history of your country and theoretically anchored in some authors from the Didactic of the History area, that we understand as an field of study that allows us to reflect the teaching and learning of History. In this aspect, the discussions in this field, allowed us to comprehend the building of the identity and citizenship as concepts that are developed on the History Teaching, but does not restrict to it. The construction to the citizenship goes through contents and practices that potentialize the comprehension of the society on the present, therefore, it is an essential aspect on the discussions that involve the Didactic of the History. In this dissertation, the narratives about Brazilian History, elaborated by the young people from Sergipe that participated of the sample privilege the founding Event; the History with the founding violence ; the Relation between past and present (subdivided in two): problematic present and satisfactory and the Relation of national belonging. The results make possible reflect that even though externalize a comprehension about the past of the country they not always establish a feeling of belonging in relation of some historical facts and much less indentified themselves with female historical personalities, black and indigenous people that also built/build the history of Brazil. We also observe that they relate events from the past with the present, in a linear way and not linear way and put in evidence knowledge that circles socially.

Keywords: History Teaching, Didactic of the History, National Belongings, Narratives.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Acontecimento fundador (Jovens 12 anos).....	39
Quadro 2 – História marcada pela violência fundadora.....	43
Quadro 3 – Relação Passado Presente: Presente Problemático.....	47
Quadro 4 – Relação Passado Presente: Presente Satisfatório.....	49
Quadro 5 – Relação de pertença nacional.....	50
Quadro 6 – Acontecimento fundador (Jovens 16 anos).....	53
Quadro 7 – História marcada pela violência fundadora.....	59
Quadro 8 – Relação Passado Presente: Presente Problemático.....	63
Quadro 9 – Relação Passado Presente: Presente Satisfatório.....	66
Quadro 10 – Relação de pertença nacional.....	67
Quadro 11 – Narrativas Jovens 12 anos da instituição <i>A</i>	85
Quadro 12 – Narrativas Jovens 12 anos da instituição <i>B</i>	88
Quadro 13 – Narrativas Jovens 16 anos da instituição <i>A</i>	89
Quadro 14 – Narrativas Jovens 16 anos da instituição <i>B</i>	95

SUMÁRIO

1 O ENSINO DE HISTÓRIA E ALGUMAS DE SUAS NUANCES DE PESQUISA	12
1.1 Motivação e inserção no Projeto em rede.	12
1.2 Pesquisas que dividem o mesmo campo de estudo	14
1.3 Os campos de coleta e os procedimentos metodológicos usados	19
2 TRAMAS QUE COMPÕEM O ENSINO DE HISTÓRIA	25
2.1 A Didática da História na História	25
2.2 O Ensino de História e a “formação do cidadão”	32
3 A HISTÓRIA DO BRASIL NARRADA POR ALGUMAS/ALGUNS JOVENS SERGIPANAS/SERGIPANOS	38
3.1 As narrativas de Jovens alunas/alunos de 12 anos	39
3.2 As narrativas das/dos jovens de 16 anos	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
5 REFERÊNCIAS	80
6 ANEXOS	83
ANEXO A Termo de Consentimento Livre Esclarecido	83
ANEXO B Formulário de dados básicos.....	85
ANEXO C Questões	86
ANEXO D Narrativas completas das/dos jovens das instituições A e B.....	87

O ENSINO DE HISTÓRIA E ALGUMAS DE SUAS NUANCES DE PESQUISA

1.1 Motivação e inserção no Projeto em rede.

No ano de 2013 estava na graduação em História e participava como bolsista do Programa de Educação Tutorial de História (PET História UFS) este estava dando apoio em um evento da área de Educação que se realizou dentro da Universidade Federal de Sergipe, era o Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História (X ENPEH). Foi nesse evento que tive meu primeiro contato com as temáticas sobre o Ensino de História o que me encantou, já que pouco ouvia sobre essa temática durante as minhas aulas na graduação.

O segundo contato aconteceu durante a disciplina de Estágio no final da graduação e foi lá que me descobri Professora de História e também pesquisadora, pois já sabia que o tema que fosse trabalhar em alguma pesquisa seria nessa área do ensino. Iniciei o mestrado em Educação com a continuação de uma pesquisa que fiz na graduação. No mesmo ano minha Orientadora, a Professora Marizete Lucini, me propôs a participação em um Projeto grande, uma pesquisa em rede, onde o tema envolvia o Ensino de História, a Didática da História, nacionalismo e democracia, um desafio em meio aos temas antes trabalhados por mim.

No entanto, trabalhar com esse tema num momento político pós Golpe me impactou de início, despertando meu senso do político, em especial para pensar a educação política e cidadã que não tive, como mulher, como Professora de História. Assisti, meio que sem compreender de início, a primeira mulher eleita no país ser tirada do governo por um impeachment¹ decidido por maioria masculina que compõem o Congresso nacional e sendo esta maioria não representativa dos meus direitos como cidadã brasileira.

Foram anos negando o debate de assuntos políticos desde o ensino médio passando pela graduação também, pois sempre me disseram que política “não se debatia” nem em casa, imagina na escola. Com a minha entrada no PET História UFS durante minha graduação, isso mudou.

O PET História me ensinou e me estimulou a ser mais crítica sobre diversos assuntos que perpassam a História, entre eles a política. Na graduação percebi e me dei conta que

¹Ver: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 16 dez. 2018.

política precisa ser discutida sim, não apenas dentro da Universidade, mas nas escolas também. Não como uma “ideologia que doutrina” as/os jovens estudantes, mas como aquela que estimula o debate de opiniões em torno deste tema.

Por isso, aceitei a proposta de participar e contribuir com a pesquisa em rede que estava/está sendo desenvolvida em outras instituições nacionais, além da UFS, (UFRGS, UEPG e o IFG), denominada “O país e o mundo em poucas palavras: narrativas de jovens sobre seus pertencimentos - implicações para o ensino de história”².

Assim, passamos então a investigar narrativas sobre pertencimentos nacionais de algumas/alguns jovens sergipanas/sergipanos. O objetivo geral da pesquisa foi analisar as narrativas produzidas por jovens sobre os seus pertencimentos nacionais, o que nos motiva a pensar também sobre os conhecimentos históricos dessas/desses jovens sobre a História do país.

Ao procedermos pela pesquisa sobre os pertencimentos nacionais nos interessou conhecer como o Ensino de História tem contribuído ou não na construção desse pertencimento. A temática dos pertencimentos nacionais está permeada por saberes que circulam socialmente e possui implicações na vida escolar e nos processos de ensinar e aprender História que podem ser melhor compreendidos se conhecermos quais narrativas são elaboradas sobre seus pertencimentos.

Com isso, pretendemos identificar quais são os conhecimentos históricos sobre o Brasil narrados por esses jovens sergipanos na faixa etária de 12 e 16 anos de idade. Inicialmente, decidimos durante a coleta dos dados, pela aplicação das duas questões do Projeto inicial, mas optamos por nos determos na identificação dos pertencimentos nacionais nas narrativas sobre o Brasil. Isso não implica no abandono das narrativas sobre a história da democracia, mas por uma questão de tempo, não manteremos o foco nelas para este momento.

A investigação que estamos propondo se situa no âmbito do Ensino de História, mais especificamente no âmbito da Didática da História, mas também no campo da identidade nacional, da formação do cidadão nacional, que entendemos como uma das funções do Ensino de História. Função essa que faz da História um canal para que o jovem possa ter a possibilidade de se reconhecer como cidadão participante de uma história e de sua construção.

² As instituições que participam do projeto seguem os mesmos procedimentos metodológicos e coletarão as narrativas de jovens de 12 anos, 16 anos, 18 anos e 24 anos. Optamos para nossa pesquisa coletar as narrativas das/dos jovens de 12 anos e 16 anos por conta do curto prazo do mestrado.

Entendemos aqui como é importante a oferta de conhecimento de saberes históricos que possibilitem aos jovens identificar-se, pertencer. Identificação e pertencimento que são definidores da interpretação da História e das ações que esses sujeitos poderão ou não desenvolver na sociedade.

1.2 - Pesquisas que dividem o mesmo campo de estudo

A busca por pesquisas com objetos semelhantes foi realizada a partir do levantamento de teses e dissertações disponíveis no Catálogo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Elegemos essa plataforma pelo fato desta ser atualizada anualmente com os trabalhos defendidos nos Programas de Pós-Graduação reconhecidos do Brasil.

Fizemos a busca a partir dos últimos 5 anos (2012-2017). Como descritores utilizamos primeiramente as expressões “Ensino de História e juventude”, com trabalhos publicados entre os anos 2012 a 2016, área de conhecimento a História e a Educação, com abrangência para os mestrados profissionais. Expressão em que usamos menos refinadores.

Com mais de 400 trabalhos como resultado, nos detemos naqueles com aproximações aos títulos e a possível referência ao nosso objeto. A partir da leitura dos resumos foram selecionadas 6 dissertações, 4 delas concentradas nos Programas de História, 2 nos de Educação e 1 no Mestrado Profissional em História.

Com esses indicadores encontramos a dissertação *Ensino de História, consciência histórica e a Educação de jovens e adultos* de Wilian Junior Bonete (2013). O objetivo geral da pesquisa foi identificar e analisar as relações que os alunos estabelecem com o conhecimento histórico e se os mesmos atribuem um sentido prático para a aprendizagem histórica.

Na metodologia, o autor indica que utilizou uma amostra com 66 alunos do Ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública no Estado do Paraná. O instrumento de coleta usado foi um conjunto de questões, fechadas e discursivas, e como método de interpretação textual usou a Análise de Conteúdo, além de fazer uso da Escala Likert.

O resultado geral indicou que a História, longe de ser uma “simples matéria escolar” ou um “amontoado de coisas sem sentido”, é, para os jovens e adultos, uma forma que possibilita a interpretação e compreensão da realidade, do presente e da vida pessoal como parte das mudanças que ocorrem na sociedade (BONETE, 2013).

A dissertação de Mary Ellen Silva Santos (2013) intitulada *Que educação querem os jovens? Uma análise das demandas proclamadas nas Conferências Nacionais de Juventude (2008 e 2011)* teve como objetivo analisar como as demandas por educação são abordadas pelos jovens participantes de duas Conferências Nacionais de Políticas Públicas de Juventude.

A autora não deixa claro no seu texto a metodologia usada para a pesquisa, mas identificamos o uso da pesquisa quantitativa através dos dados levantados. Santos (2013) lista quatro vertentes que norteiam a educação ambicionada pelos jovens são elas acesso e permanência; atendimento à diversidade; qualidade do ensino e formação para o trabalho. Conclui afirmando que,

[...] a educação ambicionada pelos jovens participantes das duas edições das Conferências Nacionais de Políticas Públicas de Juventude está amparada dentro da realidade vivida pelos jovens no Brasil, denotando os anseios e preocupações de uma geração que vêm angariando espaço na agenda política e disposta a lutar pela garantia de seus direitos (SANTOS, 2013, p.71).

Outro trabalho que também se aproxima do nosso objeto é o de Fabriscio Luiz Fontoura (2013), com o título *Juventude e escola: um estudo a partir da visão dos estudantes*. O objetivo geral foi investigar o que os jovens da/o oitava série/nono ano de uma escola pública do município de Campinas (SP) têm a dizer sobre a escola.

O autor utilizou como referencial metodológico a etnografia, registrando as observações do cotidiano escolar em diário de campo, além de fotografias produzidas pelos estudantes. Selecionou dez alunos com perfis que representassem, de uma maneira geral, toda a turma de oitava série/nono ano.

Os alunos foram instruídos a tirar cinco fotografias do que lhes interessassem mostrar sobre a escola, estas foram divididas em temas, considerando as legendas atribuídas pelos respectivos autores e, posteriormente, foram realizados encontros para discutir os temas. A análise de dados foi realizada de acordo com os temas mais destacados pelos estudantes (FONTOURA, 2013).

Os resultados desta pesquisa mostram, segundo Fontoura (2013), que os alunos não têm encontrado sentido em algumas posturas de professores e funcionários e que há limitações no uso dos espaços escolares. Eles ainda veem a escola como “antidemocrática” por não considerar suas opiniões, no entanto, acreditam na sua importância não só como espaço de sociabilidade, mas também de aprendizagem e de desenvolvimento para uma vida profissional.

A dissertação a seguir foi defendida no Mestrado Profissional em História (PROFHISTÓRIA) intitulada *As concepções de Ensino de História e a Consciência Histórica. Um estudo com alunos do 3º ano do Ensino Médio Regular de Aurélio Silva Fernandes (2016)*. O objetivo geral do trabalho foi refletir sobre o que os estudantes pensam sobre o Ensino de História, suas ideias, conceitos, significados, representações, opiniões, gostos e confianças, seus objetivos e relações com a vida prática.

Os instrumentos de investigação usados para coleta de dados foram compostos por um conjunto de questões que envolviam significado, interesse, agrado, confiança, temporalidade, experiência na sala de aula e vida prática. Os resultados apontaram para uma necessidade de se entender como os saberes históricos escolares atuam na geração de sentido histórico dos estudantes indicando assim, que a História é, para os alunos, uma disciplina escolar que deve ser valorizada, pois possibilita a interpretação e compreensão da realidade, do presente e da vida pessoal como parte das mudanças que ocorrem na sociedade e também contribui para a orientação das ações humanas (FERNANDES, 2016).

Outra dissertação selecionada pelas aproximações com nossa temática foi a de Dinorah Amaral Matte (2015) com o título *As ideias históricas de alunos da oitava série do ensino fundamental sobre a Ditadura Militar*, que teve como objetivo geral analisar como as questões do Ensino de História se processam na formação da consciência histórica dos discentes da oitava série da Escola Estadual Wandelina Nunes, em Santa Vitória do Palmar no Rio Grande do Sul, bem como essas/esses estudantes se apropriam dos saberes sobre a Ditadura Militar e de que forma constroem suas aprendizagens históricas diante da relação passado e presente.

A autora utiliza a metodologia de aula oficina (BARCA, 2004) numa turma da 8ª série do ensino fundamental, ao todo 16 alunos com idades entre 14 e 18 anos, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Wandelina Nunes, em Santa Vitória do Palmar. Também utiliza a análise documental para com cinco livros didáticos, sendo que, um deles é adotado pela escola escolhida pela autora, três que foram utilizados no período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) e um livro didático aprovado pelo PNLD, que, poderia ter sido adotado pela escola. Os livros foram usados como fonte de pesquisa pelos alunos.

Também foram utilizadas outras fontes históricas usadas por eles, tais como, um documentário e uma “conversa informal” com pessoas que viveram no período. Finalizando o processo com as narrativas produzidas pelos estudantes no início da oficina e no término após as aulas desenvolvidas. Após a análise das narrativas a autora percebeu que as fontes históricas assumem um papel fundamental na formação de competências específicas como a

interpretação e a narração. Na análise documental dos livros didáticos, identificou que a apresentação dos fatos está de acordo com a historiografia, historicamente situados no período que foram produzidos, seja na Ditadura Militar ou no período democrático.

A dissertação de André do Nascimento Veríssimo (2015) *Consciência Histórica: Uma experiência sobre CONTAR A VIDA em trinta e quatro narrativas* teve como objetivo buscar uma ruptura com a estrutura tradicional, calcada nos conteúdos programáticos, através de uma prática desenvolvida com alunos do ensino fundamental e médio. A metodologia usada por ele foi a construção de narrativas individuais dos alunos, com base em fotografias, o estímulo para uma reflexão sobre a história de vida deles e as consequentes formas de interpretação.

Veríssimo (2015, p.148) pode perceber que,

Ocorreram, também, diversas formas de “pontos de partida” ou “início”, evidenciando que a memória de fato seleciona o que, por alguma razão, teve maior significado. A emoção e os sentimentos foram muito evidentes na maior parte das narrativas e, à sua maneira, os alunos demonstraram “consciência” de que se tratava de “suas” histórias.

Com a dissertação de Brayan Lee Thompson Avila (2015) fechamos a seleção de trabalhos a partir dos descritores citados anteriormente que nos encaminharam no levantamento dessas dissertações. Sua dissertação tem como título *As narrativas de alunos do ensino médio de Londrina-PR sobre a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985)*.

Ele analisou como os jovens têm sido inseridos no contexto sobre a Ditadura Militar Brasileira e a influência dela em suas ideias. O autor utilizou principalmente questionário e análise de documento, como metodologia, e a partir da análise das respostas dos alunos reflete sobre quais são as concepções dos alunos e quais as ideias mais referenciadas.

Como ferramenta de coleta de dados usou o estudo exploratório, aplicado em duas escolas públicas no município de Londrina, sendo um Colégio na região central e o outro numa região mais periférica, isto é, mais distante do centro da cidade. Participaram ao todo 60 alunos, uma turma de segundo ano e outra de terceiro ano, no período do ano letivo em que ainda não tinha sido retomado o conteúdo Ditadura Militar Brasileira nas aulas de História.

O autor constata que os alunos com os quais desenvolveu a pesquisa possuem diversas concepções sobre a Ditadura Militar, adquiridas nas suas experiências sociais. Através da aplicação de questionário, verifica que a partir das respostas oferecidas pelo alunado, são três os principais elementos que servem como fonte acerca do Regime Militar: a Internet; a explicação do professor de História; e o livro didático.

Outro fator identificado é o distanciamento do tema com o presente. Para Avila (2015) os alunos veem o conteúdo como “informação”, isto é, distante das suas vivências no tempo presente, e sem importância para as suas atuais experiências, o que pode ser considerado como alarmante em termos educacionais.

Para uma busca mais refinada com trabalhos mais específicos na área de Educação e História definimos três palavras para o levantamento em ambas as áreas de conhecimento. Foram elas Ensino de História, juventude e narrativas históricas. Procedemos pelo preenchimento dos campos parecidos nas duas áreas, e com isso, após leitura atenta dos títulos e alguns dos resumos disponíveis na plataforma CAPES, obtivemos uma tese na área de Educação e uma dissertação na área de História. Apenas essas duas tiveram uma aproximação temática com o objeto que trabalhamos.

A tese de doutorado de Lucas Pydd Nechi (2017) intitulada *O novo humanismo como princípio de sentido da didática da história: reflexões a partir da consciência histórica de jovens ingleses e brasileiros*, apresenta como objetivo geral analisar o desenvolvimento da consciência histórica de jovens brasileiros e ingleses, estudantes do último ano de Educação Básica, a partir de suas narrativas em relação aos elementos do novo humanismo e sua aproximação com a aprendizagem histórica.

A metodologia usada por Nechi (2017) se baseou numa abordagem qualitativa referenciada em aspectos etnográficos, cujos dados foram coletados através da aplicação de questionários em 40 jovens de Curitiba, no Brasil e, 38 jovens de Londres, na Inglaterra, com média de 17 anos de idade. Obteve-se, como resultado geral, que muitos elementos do “novo humanismo” permeiam a consciência histórica dos estudantes no momento em que tomam decisões. Muitos sujeitos da pesquisa demonstraram dificuldade em articular o passado e a História com seu contexto de vida presente e suas intenções de futuro.

As narrativas apresentaram preocupações de ordem prática relacionadas ao mercado de trabalho. Alguns jovens se dividiram entre aqueles que consideram que suas decisões podem ter consequências a ponto de marcarem a História da humanidade, e outros que acham que seus feitos só trazem consequências para si mesmo e pessoas de convívio próximo (NECHI, 2017).

A dissertação de Caroline Antunes Martins Alamino (2013), da área de História, com o título *O pensamento histórico dos jovens sobre movimentos de resistência à escravidão e os usos dos livros didáticos de História (2001-2011)*, teve como objetivo contribuir com as reflexões sobre os processos relativos à elaboração da consciência histórica de jovens.

A pesquisa foi tomada como um estudo de caso em que se privilegiaram os usos de uma coleção didática de livros de História em duas turmas de Ensino Fundamental em uma escola municipal de Florianópolis. Foram analisados como documentos a legislação vigente sobre livros didáticos, buscando compreender a História e os usos dos livros didáticos no presente, a coleção História, Sociedade e Cidadania, que estava sendo utilizada pelos estudantes, questionários e entrevistas orais realizadas com os estudantes, sujeitos dessa pesquisa (ALAMINO, 2013).

Os resultados obtidos nessa pesquisa nos convidam a pensar sobre preconceitos raciais arraigados no discurso dos estudantes independente dos usos do livro didático e processos de aprendizagem que os contradigam. Alamino (2013) evidenciou em seus resultados a consciência dos estudantes de que o livro didático de História pode fazer uma abordagem mais crítica e direta quanto à relação de movimentos de resistência à escravidão com os preconceitos raciais na atualidade.

Os critérios usados para a escolha desses trabalhos foram a proximidade temática tanto com a área de História quanto com a Educação. Pesquisas que tenham também proximidade com a problemática da nossa pesquisa, que é identificar os conhecimentos históricos narrados por jovens sergipanas/sergipanos em suas narrativas ao contarem a História do Brasil e da democracia.

As dissertações de Bonete (2013), Fontoura (2013), Matte (2015), Avila (2015), Alamino (2013) e a tese de doutorado de Nechi (2017) são as que mais se aproximam de nossa problemática de pesquisa. Na busca por analisar, compreender, identificar os conhecimentos históricos dos jovens que participaram dos trabalhos das/dos pesquisadoras/pesquisadores acima eles seguem também o debate conceitual sobre a consciência histórica na verificação da aprendizagem histórica dessas/desses alunas/alunos.

Alguns desses trabalhos mostram nos seus resultados que as/os jovens participantes não conseguem articular em suas narrativas o passado com o presente e suas intenções de futuro. Na pesquisa que desenvolvemos buscaremos através da verificação dos conhecimentos históricos sobre o Brasil identificar a ocorrência de algum tipo de pertencimento nacional nas narrativas das/dos jovens que participaram dela, isso inclui a articulação entre o passado, o presente e possivelmente suas intenções de futuro.

1.3- Os campos de coleta e os procedimentos metodológicos usados

As coletas foram realizadas em dois colégios públicos localizados, respectivamente, no Bairro Rosa Elze, na cidade de São Cristóvão, e no Bairro Lamarão, na cidade de Aracaju, ambos no estado de Sergipe. Inicialmente, tínhamos acordado fazer a coleta em dois colégios do Bairro Rosa Elze, no entanto, enfrentamos dificuldade em relação à devolução dos termos de consentimento livre esclarecido assinado pelos responsáveis, por grande parte das/dos alunas/alunos possíveis participantes da pesquisa, tornando inviável a coleta nesta instituição.

Como proposto no Projeto geral mantemos sigilo sobre as instituições e o anonimato dos participantes. Passamos a identificar as instituições por *A* e *B*. A instituição *A* foi a primeira onde realizamos a coleta das narrativas, apresentadas na Seção 3. Escolhemos a instituição *A*, por três motivos, a localização, já que fica no mesmo bairro onde resido e por isso a locomoção durante os dias do encaminhamento até a aplicação do questionário foi facilitada.

Outro motivo foi a disponibilidade do colégio em aceitar estagiárias/estagiários, pesquisadoras/pesquisadores da UFS. Esse com certeza foi o fator que possibilitou que a realização da coleta fosse concluída sem contratemplos. Além disso, a instituição *A* é um colégio referência no estado em comparação aos colégios públicos da região.

Atualmente o ingresso de alunas/alunos é realizado por sorteio e atende a um público variado, algumas/alguns vindos de colégios particulares outros de colégios municipais e/ou estaduais. O bairro Rosa Elze foi crescendo em torno da Universidade Federal de Sergipe, nele há uma grande presença de estudantes universitários, o setor imobiliário é crescente e o comércio também, ambos giram em torno do fluxo dos universitários.

Infelizmente, problemas como falta de segurança ou até mesmo de saneamento básico são comuns, fazem parte dos bairros que sofrem com a ocupação desenfreada e sem o acompanhamento devido dos poderes municipais.

A instituição *B* localizada no bairro Lamarão, na zona norte da cidade de Aracaju, situa-se no limite com o município de Nossa Senhora do Socorro. Este é um bairro que se originou da ocupação irregular de áreas de preservação ambiental³. Com a ocupação vieram os problemas de saneamento básico, entre outros.

O contato com essa escola foi realizado através de uma colega do Mestrado Profissional em História (PROFHIS/UFS) que atua nessa escola, acionada pela minha orientadora diante das dificuldades vivenciadas na coleta com outro colégio do bairro Rosa

³ Ver: <http://www.sergipeturismo.com/lamarao-aracaju/>. Acesso em: 02 fev. 2019.

Elze. Após o encaminhamento com a direção da escola foi perceptível a disponibilidade de todas/todos para que a coleta pudesse ocorrer da melhor forma.

Isso foi um dos pontos determinantes na escolha dessa escola, que mesmo com um calendário apertado com provas finais e fechamento do ano letivo, nos autorizou a realizar a pesquisa. Destacamos o apoio das professoras que abriram espaço nas suas aulas e também ajudaram a conversar com as turmas para que a aplicação do questionário pudesse acontecer com o maior número possível de alunas/alunos de acordo com a idade.

O apoio da direção, coordenação e das/dos professoras/professores envolvidos das escolas selecionadas foi primordial para que a coleta fosse realizada. Principalmente para que as/os alunas/alunos se sentissem seguros em participar, muitas/muitos tinham dúvidas, receio, mas não me falavam porque sou uma pessoa estranha, de fora do ambiente delas/deles, mas quando a/o professora/professor estava junto e conversava com elas/eles pude perceber que ficavam menos receosos e a vontade para participar.

Coletamos 69 narrativas, sendo 39 narrativas de jovens de 12 anos, 30 narrativas de jovens de 16 anos. Temos 49 narrativas coletadas na instituição A, 27 de jovens de 12 anos e 22 de jovens de 16 anos; e 20 narrativas coletadas na instituição B, sendo 12 de jovens de 12 anos e 8 de jovens de 16 anos. Os participantes foram selecionados a partir dos seguintes critérios: estar matriculado em turma de Anos Finais do Ensino Fundamental com média de idade de 12 anos, indicada pela direção da escola; e estar matriculado em turma de Anos Finais de Ensino Fundamental ou Ensino Médio com idade próxima a 16 anos, também indicada pela direção da escola.

Essas idades foram escolhidas por representarem, de maneira aproximada e combinada, 12 anos, início da aprendizagem sistemática de história com um professor especialista; 16 anos, final da escolarização fundamental no Brasil.

A aproximação com o campo se deu por meio de quatro passos: 1) solicitamos autorização da/do diretora/diretor do colégio; 2) solicitamos autorização da/do professora/professor responsável pela disciplina de História, ou de outra disciplina que tenha disponibilidade, indicado pela direção; 3) apresentamos a proposta de pesquisa aos jovens; 4) propomos aos jovens que respondessem às duas questões em 45 minutos.

Como instrumentos de pesquisa priorizamos a aplicação de questionário com questões abertas. No caso dos alunos da instituição A não foi preciso o preenchimento do termo de consentimento livre esclarecido (ANEXO 1), assinado pelos responsáveis, pois no ato da matrícula, eles já assinam um termo de autorização para participar de pesquisas desenvolvidas por Universidades.

Na instituição *B*, aquelas/aqueles que aceitaram participar da Pesquisa levaram para casa o TCLE para que um de seus responsáveis assinassem dando autorização, todas as 20 narrativas apresentadas nessa pesquisa estão respaldadas na autorização dos pais dos alunos que assinaram o TCLE (ANEXO I).

A cada participante foi solicitado que preenchesse uma breve ficha para obtenção de dados básicos (sexo, idade, nível de escolarização dos pais e renda familiar) (ANEXO 2) e a produção de dois textos (ANEXO 3). O primeiro, com a seguinte consigna: conte a história do seu país. O segundo: conte a história da democracia.

Relato das coletas:

- **Colégio A:**

Após aprovação e encaminhamento da direção do colégio *A* ao Professor responsável pelo ensino de História na turma, expliquei a pesquisa e o mesmo me levou para a primeira turma de jovens de 12 anos. Primeiro me apresentei, falei sobre a pesquisa e perguntei se eles queriam participar. Com base numa lista de nomes, prévia, já havia separado da turma os jovens pela idade e assim prosseguimos para uma sala reservada para a aplicação dos questionários.

Todas/todos os alunos da lista que estavam presente no dia aceitaram participar. O Professor me acompanhou até a sala, mas como a turma estava dividida, prosseguí com a aplicação dos questionários, sozinha, com elas/eles. As reações foram das mais variadas quando perceberam que iriam ter que escrever uma narrativa. Alguns ficaram com preguiça no início, mas a maioria respondeu as questões mesmo com poucas linhas.

O susto maior foi na segunda questão sobre a história da democracia, houve inquietação nas duas turmas de jovens de 12 anos, pois como alguns chegaram a me perguntar “O que é democracia?” “eu não sei!” essa era a resposta mais frequente. Debatiam entre as/os colegas e chegavam a conclusão de que se tratava do voto, das eleições e assim partiam para a escrita.

Os relatos são bem variados e apesar de não ser a professora deles acabaram por me receber até melhor que o esperado, já que não me conheciam. Com os jovens de 16 anos a aplicação foi menos tumultuada, mas a resistência na hora de escrever as narrativas continuava a mesma. Apesar disso, suas narrativas foram mais extensas em relação às dos de 12 anos e acabaram por usar até mais tempo que o mínimo previsto. Alguns se empolgaram e escreviam até no verso da folha.

É importante destacar que em ambas as escolas as/os alunas/alunos participaram da pesquisa por livre e espontânea vontade, houve casos em que algumas/alguns mesmo selecionados pela idade não quiseram participar e isso foi respeitado.

- **Colégio B:**

Neste colégio o encaminhamento a direção e mesmo as Professoras das turmas se deu de forma mais amistosa, pois mantivemos contato com uma das Professoras, a que nos apresentou a escola. Depois de dada a autorização da Professora de História da turma do 6º ano preparei os TCLEs para entregá-los aos participantes.

A turma do 6º ano me recebeu bem curiosa com minha visita e por pedir a participação delas/deles na pesquisa, quando contei que essa era uma pesquisa em rede que estava sendo realizada em outros estados ficaram empolgadas/empolgados em participar, a maioria dos nomes selecionados aceitaram.

A aplicação ocorreu no horário da aula da disciplina história, juntamente com a professora responsável pela turma, como não tinha salas vazias disponíveis para aplicação resolvemos realizá-la ali mesmo. Foi uma experiência diferente, pois se tratava de outra realidade em comparação ao colégio A mesmo ambos sendo instituições públicas, a estrutura da escola é bastante deteriorada, salas sem ventilação adequada e carteiras em péssimo estado de conservação.

Não mencionei o espaço físico do colégio A mas com a ida ao colégio B não pude deixar de notar a discrepância da realidade dessas escolas. Após o recolhimento dos TCLEs assinados pelos responsáveis, a aplicação das questões ocorreu de forma tranquila, mesmo em meio ao tumulto das/dos outras/outros estudantes que lá estavam. Li juntamente com elas/eles a primeira parte de preenchimento dos dados básicos, ajudei aquelas/aqueles com dúvidas dando continuidade com a leitura das questões.

Novamente o momento de surpresa veio com a questão 2, sobre a democracia, algumas/alguns gritavam que não sabiam o que era ou o que escrever ali. A Professora um pouco decepcionada me fala que havia dado tinha poucos dias uma aula sobre Grécia e o conceito de democracia dos gregos.

Elas/eles estavam livres para escreverem o que soubessem, assim fizeram. Percebi que diferente das/dos alunas/alunos do colégio A não ficaram tão inquietos com a aquela “tarefa”, ficaram sentados cada um na sua carteira como se estivessem realizando uma prova ou algum método avaliativo.

Com as turmas do 8º ano, jovens de 16 anos, foi mais difícil conseguir a participação de todas/todos que estavam na lista, muitas/muitos disseram que não queriam participar. Com aquelas/aqueles que aceitaram, ocorreu tudo de forma tranquila, tanto a entrega do TCLE quanto a aplicação.

Só um caso que me chamou atenção, de uma/um estudante que pegou o livro didático para completar a resposta foi a primeira vez que tinha ocorrido algo assim nessa coleta, conversei com a/o estudante, expliquei que não estava buscando por respostas dos livros mas sim o que ela/ele conhecia/sabia sobre o assunto, entendeu e continuou com a escrita, assim finalizei a coleta das narrativas na instituição *B*.

Devemos ressaltar que na instituição *B* foram selecionadas/selecionados uma relação de alunas/alunos que contemplasse a quantidade que pretendíamos coletar, 40 narrativas por instituição, no entanto, isso não foi possível por conta da alta evasão das/dos alunas/alunos e também por algumas/alguns não concordarem em participar dela, isso dentro das turmas escolhidas.

Após as coletas, as narrativas foram transcritas e depois agrupadas em tabelas para podermos fazer a contagem das ocorrências das expressões e palavras. Passado esse momento pretendemos separá-las por categorias, tais como tipos de eventos citados, relação passado presente, história fundadora violenta, acontecimentos que indiquem relação de pertença nacional.

Apresentamos a seguir a organização textual do presente trabalho. Está dividido em três seções, nessa primeira apresentamos a Pesquisa, do que se trata, sua vinculação ao Projeto em Rede, depois identificamos dissertações e teses do Catálogo da CAPES que trabalham com a mesma temática e por fim descrevemos nossos procedimentos metodológicos e os campos de coleta de dados dessa Pesquisa.

Na Seção 2 apresentamos algumas das **Tramas que compõem o Ensino de História**. Nessa seção buscamos construir uma discussão, com os principais conceitos que atravessam a temática da Pesquisa, são eles, Ensino de História, Didática da História, consciências históricas, a formação do cidadão nacional e identidade.

Propusemos na Seção 3 intitulada **A história do Brasil narrada algumas/alguns jovens sergipanas/sergipanos** fazer um levantamento das narrativas que foram coletadas e agrupamos as menções/proposições mais frequentes em quatro categorias que serão identificadas na seção, a partir delas pudemos identificar os possíveis pertencimentos nacionais destas/destes jovens.

2. TRAMAS QUE COMPÕEM O ENSINO DE HISTÓRIA

Esta seção objetiva apresentar os aportes teóricos conceituais que embasam essa pesquisa. O que parecem temáticas opostas são aqui compreendidas como inter-relacionadas. São elas o conceito de Didática da História que será tratado no primeiro tópico, e a quebra de paradigma e ampliação da área de estudo; e para o segundo tópico, será abordado o Ensino de História e a formação do cidadão identificando o ensino como um dos canais para a formação do cidadão nacional, ambos os conceitos inter-relacionados com o conceito de consciência histórica, que aqui optamos por usar no plural, “consciências históricas”.

2.1 A Didática da História na História

A reflexão que estamos propondo se situa no âmbito do Ensino de História, área específica das investigações sobre a Didática da História. O campo do Ensino de História, embora tenha crescido muito nos últimos anos, em muitos cursos de formação de professores de História, ainda é pouco abordado. O interesse em trabalhar esse tema se origina da ausência, ou melhor, do silenciamento sobre questões do ensino em alguns cursos de graduação.

Cursos que, apesar de oficialmente cumprirem com a nossa formação acadêmica de historiadores (bachelor's), pouco contribuem, para nossa formação como professores de história. Importa indicar que as ausências relativas à formação de professores, acontecem mesmo quando essa formação é proposta no Projeto Pedagógico do Curso. Portanto, é no campo da prática curricular que se situam os silenciamentos que mencionamos anteriormente.

A ausência que sentimos da preparação adequada para o ensino se evidenciou ao executarmos o estágio supervisionado de docência, principalmente ao nos depararmos com muitas dificuldades no campo do ensino em alguns cursos de graduação.

Essa falta de preparação para o ambiente escolar nos leva a refletir que a sala de aula ainda é um campo de pesquisa pouco explorado e desvalorizado na academia. É uma problemática que envolve as questões acerca da Didática da História, que vem sendo discutida por diferentes autores⁴.

Entre eles temos Jörn Rüsen (2006, p. 8) que identifica uma formulação do conceito padrão sobre a didática da História que a define como “[...] uma abordagem formalizada para

⁴ Para citar alguns Bergmann (1990); Amézola (2008); Cerri (2010, 2013); Schmidt (2012), Saddi (2012).

ensinar história em escolas primárias e secundárias, que representa uma parte importante da transformação de historiadores profissionais em professores de história nestas escolas”.

Para Rüsen (2006), esse conceito tomado como padrão sobre o tema levanta questionamentos acerca do distanciamento entre a profissionalização de historiadores e os professores de História, em referência as questões do ensino, mas não somente delas. Nesse campo, que vem se expandido cada vez mais, as questões se ampliaram, indo além dos problemas relacionados ao método de ensino, pois “a didática da história agora analisa todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática” (RÜSEN, 2006, p. 12).

A partir das leituras e reflexões sobre o assunto, compreendemos que a Didática da História está para além dos métodos de transposição didática, de transformação do saber acadêmico em saber escolar. Esses pontos permeiam as discussões sobre essa área, mas não são seus objetos principais de estudo.

Por isso, assim como Saddi (2012, p. 211-212) acreditamos que a Didática da história,

[...] pode tornar-se uma disciplina da ciência histórica que tem a responsabilidade de estabelecer a “Gênese”, a “Morfologia” e a “Função” da “Consciência Histórica” na sociedade, debruçando-se sobre todos os tipos de história, sejam elas produzidas no interior da instituição escolar (ensino escolar da história), nos meios públicos (nos discursos políticos, nas grandes revistas, na televisão, nos museus, no cinema etc.) ou nas universidades (história dos historiadores ou Ciência Histórica).

Em outras palavras, e seguindo a definição trazida por Cerri (2014, p.377) “[...] trata de estudar e refletir sobre o ensino e a aprendizagem de história e propor alternativas e encaminhamentos [...]”. Esse rompimento da concepção da Didática da história como uma disciplina que lida com métodos de ensino e transposição didática é recente.

Como afirma Saddi (2012) é uma quebra de paradigma resultante da ampliação dos estudos dessa última década do século XXI, no Brasil.

Para Saddi,

[...] entendida dessa forma, como a parte prática do ensino de história nas escolas, dissociada da ciência histórica e sem um caráter disciplinar e científico sistematicamente definido, a didática da história reduz sua capacidade de reflexão e atuação (SADDI, 2012, p.213).

Apesar dessa mudança de paradigma da Didática da história estar acontecendo e gerando discussões sobre o tema, as questões do ensino continuam sendo relegadas a último plano nas graduações em História ou sendo tarefas atribuídas às disciplinas da área de Educação.

Para Cerri (2001), o tipo de conhecimento histórico ensinado aos alunos na escola é qualitativamente diferente do produzido dentro da universidade, o que é sentido pelos graduandos quando se deparam no seu primeiro estágio da licenciatura. Mas devemos compreender que não se trata aqui do método de ensino, mas de como esse conhecimento acadêmico não faz sentido para os jovens graduandos quando vão para a prática do ensino.

O mesmo autor, Cerri (1999, p. 140), em outro texto acerca dos objetivos do ensino de História nos atenta de que “[...] é preciso que os professores, ainda no seu processo inicial de formação, sejam integrados na discussão dos papéis da didática da história: empírico, reflexivo e normativo”.

O conhecimento não pode ser dado como produto finalizado, em que não possa haver críticas ou questionamentos sobre ele. Pelo contrário, ele é sempre construído e pode ser modificado, questionado, não é algo fixo, pronto, está em amplo processo de remodelamento.

Tanto Cerri (1999) quanto Saddi (2012), em suas discussões sobre os papéis da Didática da história apontam para o fato de que para que haja uma modificação dessa prática de ensino, necessitamos levar em conta as consciências históricas das/dos alunas/alunos, no plural, pois compreendemos que não existe um só tipo de consciência histórica que possa dar conta de todas as realidades sociohistóricas.

Nesse sentido, entendemos que, nos últimos anos, reivindicamos a diversidade do pensar e refletir histórico, através do respeito pelas raízes históricas que se entrelaçam na formação da história do Brasil. Ao nos remetermos às consciências históricas, no plural, também reivindicamos esse lugar da diversidade no conceito, pois acreditamos que as consciências históricas fazem com que o ser humano reconheça sua história e ainda mais que se reconheça nela como um participante.

Então, para que se possa trabalhar com essas consciências históricas das/dos alunas/alunos a Didática da história define que sejam seguidos os seguintes papéis, o empírico, o reflexivo e o normativo.

Assim, temos as devidas funções para cada um desses papéis:

Reflexiva porque se debruça sobre as condições e os fundamentos do ensino escolar de história; **empírica** porque investiga o modo como tem se dado o

ensino da história, bem como as ideias históricas de alunos e professores e a relação dessas ideias sobre o passado com a autoconcepção do presente e com a formulação de expectativas de futuro; **normativa**, porque, além de analisar como se tem dado o ensino de história, apresenta continuamente reformulações sobre o modo como se deve ensinar história (Pragmática) (SADDI, 2012, p.216) (*grifo nosso*).

São papéis que se realizam em conjunto, principalmente, o papel reflexivo aliado a “ciência da história”, expressão usada por Saddi (2012). Na perspectiva desse autor, concepções da historiografia se estendem à didática da história, pois para além do ensino o fazer historiográfico se apresenta na concepção de tempo que fundamenta também o ensinar história.

Refletir sobre o que é ensinado para os jovens e sobre o que deveria ser ensinado é uma tarefa que envolve discussões sobre a prática de ensino (CERRI, 1999) que requer uma reflexão didática do historiador.

Através das discussões que Cerri tem realizado nessa área, entendemos que tanto o historiador quanto o professor de História fazem uso da reflexão didática nos seus trabalhos, ou espera-se que o faça, seja na pesquisa acadêmica ou na sala de aula. Para ele,

[...] a reflexão didática é um dos canais de comunicação especializada entre a ciência e a vida prática, na qual os historiadores- professores (geralmente são os que encarnam essa ‘dupla personalidade’ que assumem essa tarefa na academia) participam de forma direta ou indireta dos fóruns nos quais a sociedade disputa e decide as formas de sua continuidade cultural e ideológica para a próxima geração (CERRI, 2013, p. 42).

O trabalho de pesquisa do historiador atende a uma demanda social, mas continua no seu cotidiano como Professor acadêmico atendendo a uma junção dessa demanda social e da prática do ensino dos seus alunos que aprendem o ofício do historiador e também do professor. De acordo com Saddi (2012, p.218),

Se a ciência histórica surge da vida prática dos homens, das carências de orientação temporal, se ela atende a demandas de orientação do tempo presente, **uma das tarefas da didática da história é investigar quais são esses interesses que permeiam as investigações científicas da história** (*grifo nosso*).

Esses interesses, como o autor identifica, além de orientar as pesquisas científicas orientam também a vida prática dos homens. Por isso, dar conta dessa reflexão didática

implica dar conta da consciência histórica, tanto do Professor formando quanto do aluno que tem acesso a história produzida cientificamente.

Para conceituar consciência histórica usaremos os autores aqui expostos na discussão acerca da Didática da História, Rüsen (2006), Cerri (2001) e Saddi (2012). Percebemos aproximações de definições acerca dessa temática com os autores Rüsen e Cerri, já Saddi segue na defesa do uso do conceito no plural o qual adotamos para esse trabalho.

O historiador alemão Rüsen (2006, p. 14) acredita que a consciência histórica se trata de “[...] uma categoria geral que não apenas relação com o aprendizado e o ensino de história, mas cobre todas as formas de pensamento histórico; através dela se experimenta o passado e se o interpreta como história”.

Entendemos que é a consciência histórica que nos faz reconhecer nosso processo de ser humano no mundo, participantes de uma cultura e de uma comunidade, de uma vida política e profissional, todas elas têm uma carga histórica de anos atrás, além do que nos permite nos reconhecermos como participantes da construção de um legado histórico para as gerações vindouras.

A consciência histórica é a base do pensamento histórico, nos possibilitando atribuir sentido a noção do tempo e de sua passagem na vida de cada um (CERRI, 2001). E para o aprendizado da História em sala de aula é de extrema importância, pois possibilita que o aluno conecte o assunto trabalhado nas aulas com a sua experiência de vida e compreenda seus pertencimentos.

Compreendemos que a realidade social e histórica de cada aluna/aluno é diferente mesmo tendo aproximações de cunho nacional ou até mesmo regional, tem suas especificidades. Assim, seguindo o proposto por Saddi (2012) tentamos pensá-la como algo não homogêneo e buscar compreender que essa consciência histórica está sendo produzida em diferentes espaços e lugares por grupos sociais que podem até ter uma realidade histórica em comum, mas que foi construída por diferentes relações que os sujeitos estabelecem com e no mundo.

O conhecimento histórico ou a consciência histórica da sua vida, de tudo que a fez ser o que é, poderia ser tomado como principal contribuição da história para alunas/alunos, pois é a partir dessa consciência histórica, da reflexão sobre qual forma participamos e atuamos na sociedade em que vivemos, que nos é possível compreender como nos tornamos o que somos. Isso também é um elemento essencial para modificar ou não sua realidade.

Segundo Cerri (2013, p. 40),

Isso faz reconhecer e ter sempre em conta o quanto somos construídos, como pessoas e como profissionais, pelo próprio processo de produção das múltiplas narrativas históricas que contribuíram na formação de nossa identidade até que, em algum momento, terminamos por escolher trilhar o caminho dessa profissão.

Muitas/muitos jovens não se reconhecem nos temas que estudam em História trazidos para a sala de aula, isso tanto na graduação quanto na Educação Básica. Não se percebem como construtores da história, nacional e regional, que também foi construída pela sua família, por todos que o cercam. Para Zamboni (2003, p.375),

[...] as diretrizes governamentais podem ter encaminhado a educação em um determinado sentido, em uma determinada direção e a ausência de educação política leva-nos a fazer afirmações de que a história no ensino não tem importância, o não saber ver, observar e analisar pode ser muito significativo.

A história ensinada parece não fazer sentido para realidade daquelas/daqueles que não sabem se localizar nem geograficamente e nem historicamente na sua própria vida, mesmo que ela deveria servir sim “[...] para que as pessoas reconheçam-se como sujeitos, como parte também de um coletivo, conheçam suas possibilidades e limitações de ação na história” (CERRI, 1999, p. 142).

Questionar o valor e o sentido da História ensinada nos faz repensar sobre o que está sendo ensinado para essas/esses jovens e refletir sobre até que ponto as aulas de História contribuem para fazer repensar sua atuação como seres construtores dela. Em muitas situações cotidianas, os meios de comunicação, tais como televisão, internet, celular, canais no youtube, parecem gerar mais significados que os conteúdos das aulas de História em sala de aula.

No entanto, eles não devem ser vistos como “vilões” do ensino, e não são. Para Saddi (2012, p.217),

Compreender o modo como os diferentes meios, linguagens e atores produzem uma interpretação do passado que orienta o presente e projeta futuros significa reconhecer que essas narrativas interferem diretamente no ensino escolar da história, uma vez que alunos e professores aprendem história não somente com referência à disciplina escolar ou acadêmica da história.

O contato e o acesso às informações acontecem nas mais diversas formas e se ampliou em grandes proporções se compararmos ao livro didático, por exemplo. Isto pode ser um

grande problema para os profissionais que constroem a crítica ao conhecimento histórico na academia, mas que não conseguem ligá-la a realidade do aluno, pois “foge” ao seu alcance.

Nesse sentido, nos parece que as aulas de História são o ambiente para que essa consciência histórica se desenvolva, possibilitando que as/os alunas/alunos se percebam no mundo como sujeitos históricos atuantes, que aprendem a lidar com informações das mais variadas fontes, verificando sua autenticidade, assim como faz o historiador.

Como uma possibilidade de legitimar o conhecimento histórico, das aulas de história, pensamos no papel da escola na formação das consciências históricas, pois a/o aluna/aluno não só tem como tarefa escolar participar das aulas, elas/eles participam das atividades que a escola propõe, dos projetos encabeçados pela gestão e das atividades extraclases que também geram aprendizados.

Então, por que não usar esses momentos extraclases para reforçar o aprendizado histórico e social a que essas/esses alunas/alunos estão ou deveriam estar conectados de maneira não só informativa, mas consistente, do ponto de vista do conhecimento? Nos parece importante e significativo para a formação de cidadãos usar esse espaço para o diálogo frente a demandas que exigem e exigirão dessas/desses alunas/alunos um posicionamento, seja político, cultural, social.

Essas são apenas suposições para se pensar o papel da escola na formação dessas consciências históricas das/dos alunas/alunos. Compreendemos que não só de conhecimento escolar elas são formadas, mas pensamos que um reforço nas atividades e projetos não iria atrapalhar o processo.

Além disso, o conhecimento extraescolar, nesse processo, também deve ser levado em conta, pois uma das funções ligadas a Didática da história é sobre seus “usos públicos” aqui compreendidos como,

[...] elementos extracientíficos e extraescolares da consciência histórica. Ela atua na investigação da consciência histórica produzida nos meios de comunicação de massa (revistas, jornais, televisão, cinema, propagandas, sites), bem como nos discursos políticos (a partir das produções narrativas dos partidos políticos, dos diferentes órgãos do Estado) e também nas instituições culturais e religiosas (tais como igrejas de diferentes tipos, institutos de culturas, museus etc). (SADDI, 2012, p. 217).

Portanto, o aprendizado histórico não provém somente do ensino escolar. A história pública, o ensino escolar histórico, a escrita da ciência da história mesmo que com ordens diferentes compõem o campo de estudos da Didática da história. Campo que encontra no

ambiente de pesquisas acadêmicas um local para se obter dados e refletir sobre eles, e principalmente, sobre o que dever ser ensinado nas aulas de história para que assim um dos objetivos desse ensino seja cumprido, que é o de formar cidadãos que saibam se orientar politicamente e socialmente na sua vida.

2.2 O Ensino de História e a “formação do cidadão”

Se a reflexão didática pretende pensar a História em termos mais coerentes para a vida prática do Professor de História e para a/o sua/seu aluna/aluno, como algo que ajude a dar conta da realidade dessa/desse aluna/aluno e das situações que a/o rodeiam, então pensamos que seja importante rever o modo como o Ensino de História tem ocorrido. Frequentemente é compreendido como um campo do conhecimento que não implica em consequências reais para a sociedade em que vivemos, sendo que a História por muitas vezes serviu como legitimadora e justificadora de projetos políticos dominantes (ZAMBONI, 2003),

Projetos políticos que muitas vezes visam “formar cidadãos” que não questionem a sua própria realidade, nem a realidade do país em que vivem muito menos criticar o governo. Isso gera uma espécie de conformidade nacional, ou conformidade com os problemas nacionais, considerando-se que o país passa por um dos momentos mais difíceis em termos de respeito aos direitos humanos e garantia das necessidades básicas durante um período, que se diz, democrático.

Formar cidadãs/cidadãos hoje frente a tantas demandas sociais, políticas, culturais, não é uma tarefa das mais fáceis, e com tudo isso o trabalho da/do Professora/Professor de história também não é facilitado. Temos que dar conta de mostrar que dentro de uma história dita “oficial” existem outras histórias que a ajudaram a compor e que não puderam ser ditas, pois foram silenciadas por muito tempo.

Como formar uma/um cidadã/cidadão que não conhece essas histórias e que são suas histórias? Não podemos continuar a silenciar essas histórias, a contar um só lado, quando a realidade das/dos alunas/alunos pede mais conhecimento, pede mais entendimento para refletir sobre muitos problemas que atravessam a vida delas/deles e que uma consciência histórica poderia ajudá-la/ajuda-lo a orientar e ter uma visão mais ampliada deles.

Compreendemos que a consciência histórica ajuda na formação dessa/desse cidadã/cidadão e como essa consciência pode ser aquela que possibilita o pensar/refletir criticamente em relação a sociedade que vive. Para isso, entendemos que refletir

didaticamente sobre o ensino e a didática da História implica em ter a compreensão de que por muitos anos o ensino de História esteve ligado a um processo de construção de identidade nacional de “formação” dessa/desse cidadã/cidadão.

A História fez, e faz, parte disso, tanto nas pesquisas quanto no ensino, como parte importante para os projetos políticos de períodos iniciais do ensino no Brasil, como o currículo do colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro em meados do século XIX, e a quase extinção da disciplina no período da ditadura militar (ZAMBONI, 2003).

Para Zamboni (2003, p. 369),

[...] é importante nos reportarmos historicamente a qual era a finalidade da história como disciplina escolar. A história como disciplina escolar sempre trabalhou com as noções de ‘identidade nacional’, ‘cidadania’, ‘Estado’ e ‘nação’. Historicamente, o ensino de história foi marcado desde o século XIX pelo ideário das nacionalidades [...].

Essa função tem sido atribuída ao Ensino de História, mas não necessariamente esteja descrita de modo explícito nos documentos oficiais. De acordo com os estudos de Zamboni (2003, p.374) sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais,

[...] a formação de uma identidade nacional e do conceito de nação é um processo ideológico que na escola passa necessariamente pela conservação de uma memória nacional e pela formação de uma consciência política. As propostas educacionais do Estado não discutem no processo educativo que a formação da identidade nacional e da nação são construções sociais em que o povo é sujeito.

Isso ocorre de forma indireta em relação a disciplina de História, na seleção dos conteúdos curriculares e dos livros didáticos. Atualmente essas seleções passam por um processo mais rigoroso e claro quanto a seleção dos conteúdos e com a abertura para temas antes não trabalhados no ensino, como dos indígenas, dos afrodescendentes, das mulheres, entre outros. A partir da década de 1980, temas acerca da identidade e cidadania ficaram mais evidentes nos novos parâmetros curriculares, isso comparado aos anteriores (ZAMBONI, 2003).

Entendemos aqui o conceito de identidade como plural e não singular, mesmo que, tradicionalmente seja dito que temos uma identidade única, fixa. Sendo que, esta ideia de identidade fixa segue uma definição “essencialista” que a tem como um conjunto autêntico de

características que todos partilham e que não se altera ao longo do tempo (WOODWARD, 2014).

Entretanto, usar o termo identidades no plural, baseado no conceito “não essencialista” significa que “[...] as identidades são fluídas, que elas não são essências fixas, que elas não estão presas a diferenças que seriam permanentes e valeriam para todas as épocas” (WOODWARD, 2014, p. 36).

Mesmo o conceito essencialista sendo o mais tradicional e o qual a maioria tem o primeiro contato quando se fala sobre identidade vemos que contemporaneamente vem sendo questionado por aqueles que não se sentem representados por ele.

Primeiramente porque esse conceito tem bases numa “verdade” da tradição e nas raízes de um viés histórico, este seria o qual as pessoas têm o primeiro contato dentro do ambiente familiar ou de sua comunidade, dependendo de onde venham e a que grupo e/ou nação pertencem. O segundo está ligado a biologia como uma categoria fixa e “natural” daquela identidade (WOODWARD, 2014).

Percebemos que a identidade coletiva através das representações simbólicas dá sentido a todos os referenciais que o sujeito tem na sua vida, para Cerri (2001, p.102),

Primitivamente (e desde então repetidamente) o estabelecimento da identidade de um grupo passa pelas imagens, idéias, objetos, valores que os participantes julgam serem os seus atributos específicos [...] bem como um (ou mais) mito de origem, que funciona como o legitimador da existência do grupo (e, na maior parte dos casos, de suas relações hierárquicas).

As pessoas acreditam que suas escolhas são feitas individualmente, sem se dar conta muitas vezes dos padrões apreendidos ao longo da vida. Com isso, o indivíduo passa a assumir as posições com as quais se identifica e assim constituem suas identidades individuais (WOODWARD, 2014).

Entretanto, mesmo com base numa identidade coletiva ou de grupo as identidades podem se modificar, as pessoas podem dar significados novos para diferentes situações pois suas identidades não são fixas. As identidades individuais são contingentes “[...] o produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e de histórias particulares” (WOODWARD, 2014, p.38).

Além disso ela é marcada pela diferença em relação ao outro e as outras culturas. Pensar isso para um país como o Brasil, com dimensões territoriais extensas, é ter uma visão

bem diversificada de culturas presentes numa só nação. Cada estado tem a sua cultura e tradição local, e cada cidade dentro dos próprios estados podem seguir diferentes tradições mesmo com uma “base” em comum, é importante notar, que cada um tem suas especificidades e estas são marcadas pela diferença.

Essa diversidade cultural brasileira nem sempre foi apoiada e respeitada por todas/todos, isso vem sendo modificado nos últimos anos. Os questionamentos dos pertencimentos vem quebrar a homogeneização da identidade histórica que a história como disciplina auto justificava, nesse sentido se inserem as lutas e reivindicações étnicas e feministas, para citar algumas, como tentativas de reescrever essa história (WOODWARD, 2014).

Assim, pensar sobre o papel que a disciplina exerce frente a identidade humana, coletiva e, por consequência, a individual, pode ser importante, pois segundo Hobsbawm (1998, p. 34) “ ‘entender mal a história é parte essencial de se tornar nação’. A atividade profissional dos historiadores é dismantelar essas mitologias”.

A identidade nacional foi construída no Brasil atrelada ao ensino de História, através de projetos nacionais que enalteciam grandes nomes, ou como chamavam “heróis da pátria”. Vemos a partir daí a legitimação de uma História ensinada para formar os “bons cidadãos”, no caso aqueles que mantinham a pátria.

Com isso, entendemos que a formação do “cidadão nacional” precisa ser repensada contemporaneamente já que, traz consigo a trajetória de um ensino que visava contar a História de uma nação a partir dos grandes feitos, de datas comemorativas ou dos “heróis da pátria” que fazem parte de um “projeto de nação” ou “padrão” de nacionalidade.

Segundo Cerri (2014, p.170),

Pode-se dizer que o padrão de nacionalidade dominante no Brasil é conservador e resultante de uma operação lógica na qual Gilberto Freyre e outros intelectuais constroem as bases da ‘democracia racial’ e dão viabilidade ao mito de origem das três raças.

O ensino de História serviu para solidificar essas histórias durante alguns anos e ajudou a estabelecer uma identidade histórica como um passado comum de uma nação, sendo contado por meio de um único viés. De acordo com Cerri (1999, p. 138),

[...] a história, principalmente, será a disciplina capaz de estabelecer uma identidade única, a nacional, sobre todas as outras, que homogeneiza cultural

e juridicamente os cidadãos, a partir de um passado comum, que, via de regra, é inventado.

No entanto, é importante destacar que,

[...] a perpetuação das memórias nacionais, acontece tanto no interior do ambiente escolar como fora dele e com diferentes linguagens: está presente nas exposições, nos museus, nos arquivos, nos meios de comunicação (cinema, jornais, televisão, Internet). (ZAMBONI, 2003, p.376)

Os questionamentos em torno das identidades, da redescoberta do passado podem caracterizar o momento onde o tradicional não comporta justificativas para explicar a realidade vivida, principalmente se considerarmos que as relações sociais têm passado por muitas mudanças e com a velocidade em que as informações circulam elas acontecem muito rápido.

Para Woodward (2014, p. 25) “este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento”. O ensino de história atualmente se situa na fronteira entre um ensino que privilegia ainda narrativas eurocentradas e a emergência de outras temáticas que forcem o rompimento dessas “velhas certezas” nacionais. Certezas que sofrem fraturas em relação à perspectiva colonizadora da História e possibilitam que outros sujeitos e outras vozes reivindiquem o seu direito à História.

Cerri (2010, p. 266) apresenta um questionamento no seu texto que nos parece importante e essencial para essa discussão, “[...] qual indivíduo queremos formar, para qual projeto de nação? A recolocação – muitas vezes descontínua e atabalhoada – da questão do projeto nacional, também deixa em fragmentos os projetos de ensino de História”.

Por isso é importante que sempre nos façamos essa pergunta. Ela nos permite um reposicionamento diante de uma identidade única que privilegia uma narrativa em detrimento de todas as histórias não contadas, silenciadas e negadas por uma invisibilidade produzida. Entendemos que uma formação do cidadão nacional perpassa por seu reconhecimento na história do seu país, em específico, da construção dela realizada pelos seus ancestrais.

Essa formação do cidadão não pode ser definida por uma identidade nacional forjada por uma “história oficial”, na medida em que se detém a contar a construção por meio de figuras do cenário político administrativo de modo seletivo, em que acaba por deixar de lado

aquelas/aquelas que pouco usufruíram das “glórias” de “estar no comando”, mas muito foram usufruídos nos esforços para alcança-las.

Foram elas/eles, as/os indígenas, as/os africanos, para citar os mais explorados e silenciados durante o processo de formação de “uma identidade nacional”, e os que estiveram sempre atuantes durante toda construção da história do Brasil. Não se pode definir uma identidade nacional brasileira, como algo homogêneo, num país com dimensões geográficas, históricas e culturais tão diversas e heterogêneas.

De acordo com Cerri (2012, p.171), a crise desse projeto de nação conservador e silenciador “[...] recoloca o dilema da identidade nacional em pauta, pois demonstra que esgotou-se o processo de inclusão artificial e meramente simbólica do negro e do índio por meio da figura do mestiço no todo que é o povo brasileiro”.

Refletir sobre um projeto de nação e um projeto de ensino de história que respeite as diferenças e que não queiram homogeneizá-las deveria ser um dos primeiros passos, assim como a “[...] elaboração de uma perspectiva do passado que considere o que não aconteceu, os projetos dos vencidos, uma História das ideias de mundo: para que não se ensine e não se aprenda que o presente tal como o conhecemos era a única possibilidade”. (CERRI, 2010, p. 277).

Possibilitar que a/o jovem se identifique e também que compreenda seu papel como participante ativo da construção da História da sua nação e do mundo, se trata de uma função em que

[...] somos parcialmente responsáveis pela construção do futuro e todos nós participamos dos movimentos históricos (eleições, escolhas, posturas éticas, sentimentos valorativos, papéis profissionais) e participamos conscientemente ou não dos processos de transformação (ZAMBONI, 2003, p. 375-376).

Nesse sentido, o de pensar e refletir nossa responsabilidade, como professores e pesquisadores, na construção do futuro, importa que possamos refletir sobre o que dizem os jovens sobre a história que conhecem. O que indicam como aspectos da história de seu país. Saber o que os jovens sabem sobre a história do seu país, no âmbito da didática da história, pode nos ajudar a refletir a história ensinada na escola, bem como pode nos dar pistas sobre as relações que eles estabelecem com a história pública que acessam em variados espaços que, certamente, não se restringem ao espaço escolar. Questões que apresentamos na próxima seção, a partir dos dados coletados.

3. A HISTÓRIA DO BRASIL NARRADA POR ALGUMAS/ALGUNS JOVENS SERGIPANAS/SERGIPANOS

Esta seção será dedicada a análise das 69 narrativas coletadas nos colégios públicos *A* e *B*, composta por jovens estudantes com idade de 12 e 16 anos, residentes dos bairros Rosa Elze, na cidade de São Cristóvão, e Lamarão, na cidade de Aracaju, ambos no estado de Sergipe. Destacamos que para a presente pesquisa o foco da análise foi restrito às narrativas relativas a primeira consigna: conte a história do seu país.

Utilizamos o método de classificação das narrativas, a partir das menções ou proposições separando-os por categorias, advindas tanto das leituras de pesquisas e trabalhos com proximidades temáticas ou metodológicas quanto das próprias narrativas, tais como o de Cerri (2010), Bonete (2013), Cainelli (2018), Bittencourt (2007; 2008), Lucini (2018), entre outros.

O método de classificação destas categorias sofreu alterações em relação ao proposto no Projeto geral da Pesquisa em Rede, no entanto, o modelo usado aqui segue na linha de referenciais teóricos próximos e/ou sugerido pelo projeto. Optou-se por organizar categorias de análise a partir da aproximação de respostas, por considerarmos que há um elemento significativo quando se observam algumas recorrências que nos permitem refletir sobre a relação evidenciada entre o conteúdo e os pertencimentos históricos mencionados ou não pelos sujeitos da pesquisa.

Assim, as narrativas foram divididas em quatro categorias de análise sendo que uma das categorias é subdividida em subcategorias, escolhidas tendo como base os trabalhos de Cainelli e Barca (2013) e Bittencourt (2008) sobre aprendizagem histórica e os de Bonete (2013), Cerri (2010), Rüsen (1992) acerca da competência narrativa. São elas: 1) Acontecimento fundador; 2) História marcada pela violência fundadora; 3) Relação passado presente - que se subdivide em dois aspectos, problemático e satisfatório, e 4) Acontecimento que indique relação de pertença nacional.

O modelo acima descrito que seguimos nesta análise é uma combinação de categorias/eixos já levantadas por outras pesquisas que trabalham com objetos similares e que emergiram das narrativas das/dos jovens participantes desta pesquisa com suas devidas especificidades em relação a nossa problemática.

Sobre as categorias levantadas e sua inter-relação com os pertencimentos nacionais percebemos que na escrita da narrativa sobre a história do país as/os jovens seguiram, na

maioria das vezes, uma linha histórica linear que pode ter sido citada por ser destaque na história do Brasil ou também por ter algum tipo de relevância que para ela/ele esteja ligado ao “seu” sentimento de pertença, ao “seu” país. Temos também poucos casos daquelas/daqueles jovens que indicam diretamente, sem seguir uma linha temporal, o acontecimento ou fato da sua realidade que remete ao sentimento de pertença nacional.

Além disso, compreendemos que conhecer seus antecedentes históricos, do seu país, da sua família pode estar inter-relacionado com o sentimento de pertencimento do local ou ambiente de convívio. Essa questão nos remete a outras perguntas, cujas respostas não foram objetivo dessa pesquisa, mas que nos possibilitam pensar para além do evidenciado e poderá, em outro momento, fomentar outras pesquisas. Questionamos: Conhecer a história do seu país leva a conhecer traços da sua própria história de vida, de como chegamos aqui?, O que teve que acontecer para isso?, Como estamos e o que podemos fazer para ser diferente ou igual no futuro?.

A história de um país passa por permanências, rupturas, muitas transformações, “mudanças” de cenário político, social e cultural, resistências, enfrentamentos, lutas, guerras. Identificar alguns desses traços na história narrada pelas/pelos jovens que participaram faz refletir sobre o que e até onde elas/eles estão conhecendo e aprendendo a história do Brasil, observam nos acontecimentos algo que esteja diretamente ligado a sua realidade, à sua vivência, pois para além de se sentir pertencente é imprescindível que se estabeleça relações entre sua história e de seu país, para que a história faça sentido, seja significada e contribua para fortalecer seus laços de pertencimento.

Na sequência, analisamos as narrativas dos jovens alunas/alunos de 12 anos.

3.1 As narrativas de Jovens alunas/alunos de 12 anos

As narrativas das jovens alunas e jovens alunos de 12 anos, foram coletadas no colégio de *A* e no colégio *B*. É composta por 27 narrativas do colégio *A*, sendo 17 do sexo feminino e 10 do sexo masculino; 12 narrativas do colégio *B*, sendo 07 do sexo feminino e 05 do sexo masculino, totalizando 39 narrativas⁵. Os participantes foram selecionados a partir de um critério principal, estar matriculado em uma turma de Ensino Fundamental com média de

⁵ As narrativas completas estão disponíveis em anexo.

idade de 12 anos, indicada pela direção da escola, seguimos mantendo em sigilo os nomes das/dos participantes.

A cada participante foi solicitado que fizesse a produção de dois textos. O primeiro, com a seguinte consigna: conte a história do seu país. O segundo: conte a história da democracia. O tempo para responder às consignas foi de, no mínimo, 45 minutos. Contudo, para essa análise, consideraremos apenas a primeira questão.

A escolha da primeira consigna se justifica por considerarmos que ela nos remete a indagações importantes do campo da Didática da História, sobre nação e identidade. Questões estas que têm permeado diferentes pesquisas e gerado discussões que retomam a função do Ensino de História como disciplina escolar. A pergunta *Para que serve o Ensino de História?*, ou *O que e para que ensinar*, são recorrentes na história do ensino de história recolocadas em diferentes momentos, por diversas instâncias e variados atores sociais.

Pinsky e Pinsky (2003, p.17) indicam que:

[...] diante da difusão as novas tecnologias globais, questiona-se e até duvida-se da eficácia educacional dos livros (considerados com frequência, um meio de comunicação desinteressante e obsoleto), da utilidade dos professores como agentes de ensino (tidos como comunicadores inábeis e incompetentes) e das propostas curriculares ligadas às realidades nacional e local (vistas como inadequadas e ultrapassadas).

Na perspectiva de questionar os métodos, as práticas e os materiais, também se questiona a veracidade do ensinado na escola e da própria produção da ciência histórica, pois nesse processo de questionamento da história e de seu ensino, há uma substituição do pensamento analítico pelo “achismo”, principalmente pela busca de informações históricas em sites de pesquisa, nem sempre confiáveis.

No intuito de indicar questões importantes que têm acompanhado pesquisadores, professores e outros profissionais que tem a história como campo de pesquisa ou ensino, Marcos Silva organiza uma coletânea intitulada História: que ensino é esse? Na introdução, o autor apresenta o tema *Quais histórias, quais ensinamentos?*, considerando também a História Pública, como um debate necessário para que se ensine a melhor história possível (SILVA, 2013, p.13-14).

Silva (2013, p. 15), afirma que “O atual debate sobre história pública enfatiza o ângulo da difusão do conhecimento histórico, como cultura histórica que está presente nas sociedades e que não se restringe ao ensino escolar formal”. Portanto, nos parece que a formação da identidade como uma questão que nos remete ao Ensino de História como disciplina escolar, não se sustenta, pois, os sujeitos interagem com a história no espaço escolar, mas também fora dele.

O que, e, para que ensinar história, portanto, importa para a escola e para toda a sociedade, considerando-se que a história nos chega como cultura histórica. Contudo, não exime a disciplina escolar de sua responsabilidade com a história como ciência, mas a reinveste da responsabilidade na formação histórica dos sujeitos, com métodos que permitem ao sujeito acessar a “melhor história possível”, (SILVA, 2013, p. 15).

A difusão da história como cultura reforça a função do Ensino de História como um espaço privilegiado para a formação da identidade, pois mediante diferentes apropriações possíveis da história, no ensino escolar, a interpretação das narrativas pode estar amparada na condição histórica vivida pelos sujeitos (ZAMBONI; LUCINI e MIRANDA, 2013), pois “talvez seja necessário considerar que, com a história, estabelecemos relações de ordem existencial”. (ZAMBONI; LUCINI e MIRANDA, 2013, p. 269).

Ao agrupar as respostas fornecidas à consigna *Conte a história de seu país*, relembramos que nos interessou identificar nas narrativas os conhecimentos históricos que os jovens/as jovens de 12 anos evidenciavam, tanto da escola A como da escola B. A partir das respostas obtidas, agrupamos as menções mais citadas e definimos os eixos ou categorias de análise.

As categorias foram separadas por ordem daquelas mais frequentes nas respostas para as de menos frequência, assim obtivemos:

Quadro 01. Acontecimento fundador.

ACONTECIMENTO FUNDADOR	
Sujeitos	Trechos e/ou narrativas completas
Estudante 1A	<i>“Em 1500 d.C. Pedro Alvares Cabral chegou ao Brasil, chegando no Brasil os indígenas já habitavam aqui...”</i>

Estudante 2A	<i>“Bom, no ano de 1500, os homens brancos chegaram ao Brasil, terra que eles pensavam que não existia ninguém, mas os índios bem antes já tinham chegado aqui.”</i>
Estudante 3A	<i>“Em 1500 d.C., Pedro Alvares Cabral, chega com várias caravelas ao Brasil. Eles e todos os que estavam embarcados eram portugueses. Ao chegar nas terras do Brasil, eles se encontraram com seres humanos negros, os índios.”</i>
Estudante 4A	<i>“Tudo começou com a chegada dos portugueses.”</i>
Estudante 5A	<i>“Eu sei que o Brasil se iniciou com a Independência do Brasil. E os primeiros povos ao chegar no Brasil foram os indígenas.”</i>
Estudante 6A	<i>“Os portugueses chegaram em 1500 mas os índios já estavam aqui, mas quem disse que achou o país foram os portugueses em uma missão comandada por Pedro Álvares Cabral...”</i>
Estudante 7A	<i>“O país começou com a independência ou morte...”</i>
Estudante 9A	<i>“O Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral...”</i>
Estudante 11A	<i>“Eu sei que no início o Brasil era habitado pelos índios e os portugueses invadiram o Brasil e escravizaram os índios, depois os libertou e escravizaram os africanos e colonizaram o Brasil e ensinaram seus costumes para os africanos pois para eles estavam errados, e assim surgiu.”</i>
Estudante 12A	<i>“Eu aprendi no meu outro colégio quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral e ele morreu né uma data que eu não sei que eu me esqueci ...”</i>
Estudante 13A	<i>“Tudo começa com Dom Pedro dizendo que descobriu o Brasil. Mas isso é mentira pois o Brasil já era descoberto...”</i>
Estudante 14A	<i>“O Brasil foi descoberto em 1500 quando os portugueses chegaram aqui no Brasil, mas, as terras já eram ocupadas pelos os índios...”</i>
Estudante 18A	<i>“[...] quando os portugueses chegaram e teve uma guerra entre os indígenas e os portugueses porque eles chegaram na terra dos indígenas e tentaram pegar esse lugar e mudar esses costumes bom é isso o que Pedro Álvares Cabral fundou o Brasil.”</i>
Estudante 19A	<i>“[...] quem descobriu o Brasil foi Pedro Alves Cabral em 1500, e a independência do Brasil é no dia 07 de setembro, quando Pedro Alves Cabral chegou ao Brasil, ele encontrou os índios que já viviam no Brasil...”</i>

Estudante 20A	<i>“Havia um continente chamado pangeia depois de milhares de anos ela estava se decompondo suas partes foram espalhadas pelo mundo inteiro assim se formou os continentes os nomes deles são: América do norte, América Central, América do Sul, Ásia, África, Europa, continente Australiano. Depois esse continente foram colonizados depois as espécies evoluíram no continente América tem um país chamado Brasil era cheio de vegetação, animais grandes e indígenas mas vieram os portugueses...”</i>
Estudante 21A	<i>“O Brasil era um país em que só havia indígenas, anos depois houve o encontro entre os Brancos e os índios onde houve muitas guerras, vários índios morreram e ficaram doentes com as doenças dos Brancos. Eles perderam tudo e alguns foram escravizados e foram levados para Portugal. Em 1500 o Brasil foi colonizado pelos Brancos, logo depois ele virou colônia de Portugal.”</i>
Estudante 22A	<i>“O Brasil existiu quando a pangeia era um continente só aí após milhares de anos elas foram se espalhando pelo mundo inteiro assim formaram os continentes os nomes deles são, América do sul, América do norte, América central, Ásia, África, Europa, Austrália depois esses continente foram colonizados até os dias de hoje.”</i>
Estudante 23 A	<i>“Meu país é o Brasil, ele foi descoberto no ano de 1500. Quando os índios chegaram aqui havia muitas minas de ouro e eles moravam aqui. Só que logo depois chegaram os brancos e quiseram mandar no Brasil, porque como tinha muito ouro eles queriam se apoderar neh? ...“</i>
Estudante 24A	<i>“O Brasil foi descoberto em 1500 pelos portugueses, mais antes disso o Brasil já tinha habitantes ‘os índios’ após disso houve uma guerra entre os portugueses e os índios pois ali era o habitat natural deles onde se alimentavam o trabalho da pesca e etc. E os portugueses queriam ocupa-se do local.”</i>
Estudante 25A	<i>“Que o Brasil foi descoberto em 07/09/1500 pelo Pedro Alvares Cabral quando os índios estavam no Brasil.”</i>
Estudante 26A	<i>“Os índios já viviam no Brasil há muito tempo e em 1500 d.C os portugueses chegaram e acharam muito estranho porque só tinha árvores o Brasil era completo de mata e eles chegaram comandando...”</i>
Estudante 27A	<i>“[...] a pessoa que descobriu o Brasil foi Pedro Alvares Cabral em 1500, onde os índios já estavam lá e que trocavam a nossa riqueza o Pau-Brasil por pentes, espelhos entre outros produtos, com muita</i>

	<i>luta eles conseguiram a independência.”</i>
Estudante 1B	<i>“O que eu sei é que os índios descobriram o Brasil e tinha uns homens que vinham pegar tinta de tecido aí eles dividiram as terras.”</i>
Estudante 2B	<i>“Os portugueses encontraram um continente que tinha muitas riquezas assim chegaram aqui no Brasil encontraram os índios, escravizaram os índios e aí a princesa Isabel libertou os negros e assim acaba.”</i>
Estudante 3B	<i>“Brasil: Eu acho que ele foi descoberto pelos índios e depois os povos portugueses expulsaram e pegaram o território e pronto”.</i>
Estudante 4B	<i>“O Brasil foi descoberto pelos portugueses que carregavam os escravos (negros) no navio negreiro.”</i>
Estudante 6B	<i>“Os portugueses vinham em navios que se chamavam Caravelas e um dia eles acharam um lugar que tinha um pé de pau que o nome dessa planta era pau Brasil e desse nome partiu para o nome do nosso país o Brasil, eu me orgulho do país que vivo.”</i>
Estudante 7B	<i>“Quem descobriu o Brasil foram os índios logo após Pedro Álvares Cabral. Após a descoberta Pedro Álvares Cabral deu o nome do nosso país de Brasil.”</i>
Estudante 8B	<i>“Antigamente eram os índios que moravam aqui no Brasil, Dom Pedro I estava navegando e avistou uma ilha aí falou ‘terra à vista’ e essa ilha se chamava Brasil aí moravam nela, como tinha falado, os índios, eles lutaram com os portugueses.”</i>
Estudante 11B	<i>“O Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral. O Brasil já foi um país rico em minerais. O Brasil foi roubado por muitos outros países. O Brasil fica na América do Sul.”</i>
Total de Frequências:	22 estudantes do colégio A 8 estudantes do colégio B

Fonte: Questionários aplicados em (2017 e 2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifo nosso)

Sobre os conhecimentos relativos à história do país temos as menções com mais ocorrências sobre o acontecimento fundador que deu início a história do Brasil. Em muitas das narrativas as/os jovens iniciam sua escrita pontuando que o Brasil foi descoberto pelos portugueses. Entretanto, contrapõem essa afirmação com a de que os indígenas já habitavam o

país durante a época do “descobrimento”. Esse aspecto está mais presente nas narrativas do jovens da instituição A, mas não esteve ausente nas narrativas dos estudantes da instituição B. Mesmo se tratando de instituições diferentes, as narrativas das/dos jovens do colégio B seguem com aproximações nos acontecimentos históricos sobre a história do país. Mais uma vez os indígenas são os “donos da terra” e os portugueses a “encontraram” ou “descobriram”.

Do total de 39 narrativas, 30 delas abordam o acontecimento fundador na dicotomia entre um território com seus nativos, os indígenas que eram os habitantes legítimos do território, sendo “descoberto” e então “*foi colonizado pelos Brancos*”, os portugueses.

No âmbito do acontecimento fundador há estudantes que se referem ao acontecimento como obra dos portugueses e os que se referem ao acontecimento como decorrência de uma relação de dominação dos portugueses sobre os indígenas. Além de retratados como os primeiros habitantes do país nas narrativas elaboradas, os indígenas foram identificados como aqueles escravizados pelos portugueses e que também realizavam escambo em troca do pau-brasil.

A segunda categoria que elencamos das narrativas desses jovens sobre a história do país, também está interligada com o acontecimento fundador, mas apresenta uma característica que destaca a violência fundadora, marcada pelas menções a escravização indígena, dos africanos, de guerras, resistência. Vejamos o quadro 02.

Quadro 02. História marcada pela violência fundadora.

HISTÓRIA MARCADA PELA VIOLÊNCIA FUNDADORA:	
Sujeitos	Trechos e ou narrativas completas
Estudante 1A	<i>“[...] os portugueses invadiram as terras dos índios mataram, faziam de escravos, outros tentavam fugir, eles faziam de escravos, outros tentavam fugir, eles faziam trocas com os índios como: eles escravizam os indígenas e davam alguns objetos em troca, mais nada compensava com as dores que eles tinham.”</i>
Estudante 2A	<i>“Eles tentaram mudar o modo de comer, o modo de falar, e até obrigaram a colocar vestimentas. Eles tentaram tomar suas terras e até hoje tentam, tanto que existem muito poucos índios no Brasil.”</i>
Estudante 9A	<i>“Ele foi colonizado por Portugal e ficou sofrendo como escravos por longos anos.”</i>
Estudante 14A	<i>“[...] teve uma guerra entre os índios e os portugueses, os portugueses queriam obter terra e eram mais bem equipados do que</i>

	<i>os índios, por isso os portugueses ganharam e obrigaram os índios a fazer trabalho escravo.”</i>
Estudante 18A	<i>“[...] quando os portugueses chegaram e teve uma guerra entre os indígenas e os portugueses porque eles chegaram na terra dos indígenas e tentaram pegar esse lugar e mudar esses costumes bom é isso o que Pedro Álvares Cabral fundou o Brasil.”</i>
Estudante 19A	<i>“[...] quando Pedro Alves Cabral chegou ao Brasil, ele encontrou os índios que já viviam no Brasil, e fizeram os índios como escravos.”</i>
Estudante 20A	<i>“[...] mas vieram os portugueses e os indígenas foram escravizados até que passou um século que foi criado o fim da escravidão assim o Brasil evoluiu.”</i>
Estudante 21A	<i>“O Brasil era um país em que só havia indígenas, anos depois houve o encontro entre os Brancos e os índios onde houve muitas guerras, vários índios morreram e ficaram doentes com as doenças dos Brancos. Eles perderam tudo e alguns foram escravizados e foram levados para Portugal.”</i>
Estudante 23A	<i>“Porque como eles eram brancos e os índios eram negros eles achavam que eles que tinham o direito de se apoderar do ouro. E também eles escravizaram os índios, batiam muito neles, chegavam a matar. FIM!!!”</i>
Estudante 24A	<i>“O Brasil foi descoberto em 1500 pelos portugueses, mais antes disso o Brasil já tinha habitantes ‘os índios’ após disso houve uma guerra entre os portugueses e os índios pois ali era o habitat natural deles onde se alimentavam o trabalho da pesca e etc. E os portugueses queriam ocupa-se do local. O Brasil atualmente e comandado por presidentes da república, governadores e etc. Lá no período da descoberta o Brasil, os portugueses queriam se apossar da renda do pau-brasil atualmente o pau-brasil é difícil de ser localizado.”</i>
Estudante 26A	<i>“Os índios já viviam no Brasil há muito tempo e em 1500 d.C os portugueses chegaram e acharam muito estranho porque só tinha árvores o Brasil era completo de mata e eles chegaram comandando tudo e escravizando os índios...”</i>
Estudante 2B	<i>“Os portugueses encontraram um continente que tinha muitas riquezas assim chegaram aqui no Brasil encontraram os índios, escravizaram os índios e aí a princesa Isabel libertou os negros e assim acaba.”</i>

Estudante 3B	<i>“Brasil: Eu acho que ele foi descoberto pelos índios e depois os povos portugueses expulsaram e pegaram o território e pronto”.</i>
Estudante 4B	<i>“O Brasil foi descoberto pelos portugueses que carregavam os escravos (negros) no navio negreiro.”</i>
Estudante 8B	<i>“Antigamente eram os índios que moravam aqui no Brasil, Dom Pedro I estava navegando e avistou uma ilha aí falou ‘terra à vista’ e essa ilha se chamava Brasil aí moravam nela, como tinha falado, os índios, eles lutaram com os portugueses.”</i>
Total de Frequências:	11 estudantes do colégio A 4 estudantes do colégio B

Fonte: Questionários aplicados em (2017 e 2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifo nosso)

Em números totais quase metade das/dos estudantes identificaram uma história fundadora do Brasil com características violentas. Foram 15 dos 39 participantes, que mencionaram a escravização indígena. Percebemos que as/os alunos da instituição A apresentam mais elementos históricos para compor a narrativa, mencionando o que pode indicar a resistência indígena na luta contra a colonização.

Assim, a/o estudante 14A escreve,

[...] teve uma guerra entre os índios e os portugueses, os portugueses queriam obter terra e eram mais bem equipados do que os índios, por isso os portugueses ganharam e obrigaram os índios a fazer trabalho escravo.

Além da resistência e o enfrentamento através de uma “Guerra” há a menção à violência cultural e não só física, como por exemplo na afirmação *“Eles tentaram mudar o modo de comer, o modo de falar, e até obrigaram a colocar vestimentas.”* (Estudante 2A). Foi possível identificar que algumas/alguns dão o indicativo do processo de colonização ter sido de longa duração, durando assim “muitos anos” até a Independência do Brasil.

Algumas narrativas apresentam como um dos motivos para a escravização indígena ter ocorrido, além do imperativo da exploração das riquezas do território, a cor da pele como um fator definidor. Assim escreve a/o estudante 23A,

Porque como eles eram brancos e os índios eram negros eles achavam que eles que tinham o direito de se apoderar do ouro. E também eles escravizaram os índios, batiam muito neles, chegavam a matar. FIM!!!

Apenas 1 estudante das/dos 4 advindas/advindos do colégio B que mencionaram uma história de cunho violento citou a resistência indígena frente a violenta colonização portuguesa. Para a/o estudante 8B,

Antigamente eram os índios que moravam aqui no Brasil, Dom Pedro I estava navegando e avistou uma ilha aí falou 'terra à vista' e essa ilha se chamava Brasil aí moravam nela, como tinha falado, os índios, eles lutaram com os portugueses. (grifo nosso).

Percebemos dentro dessas narrativas que as/os estudantes identificam na história do país algumas personalidades, tais como: *Pedro Álvares Cabral* e *Dom Pedro I* que foram mais mencionados, respectivamente, como “descobridor” e o que “mandava” no país, e também aparece o nome da Princesa Isabel identificada como a “libertadora dos escravos”.

Identificamos a partir dessas duas categorias que a história do país é frequentemente relacionada a certos acontecimentos que se tornaram canônicos no Ensino de História. Dessa forma, a identidade nacional nos parece ainda vinculada à narrativa de certos acontecimentos e alguns personagens históricos sacralizados pela historiografia tradicional.

Como indica Zamboni (2003, p. 373) “a formação de uma identidade nacional, na escola, começa com os livros didáticos, com a sacralização de certos acontecimentos históricos e personagens que os representam, como Tiradentes, D. Pedro I, princesa Isabel”. As autoras Caimi e Mistura (2018), numa pesquisa com jovens de quatro países da América Latina sobre representação de heróis nacionais, em que jovens brasileiros também participam da pesquisa, indicaram alguns dados que pudemos observar nas narrativas das/dos nossas/nossos participantes.

As autoras destacam no texto que Pedro Álvares Cabral é lembrado como ícone da ação portuguesa na conquista do território, o que faz parte de um conteúdo escolar “canônico”, contudo, sua representação não contém uma função exemplar já que não se trata de um sujeito que “inspira as novas gerações” (CAIMI; MISTURA, 2018).

Nas narrativas apresentadas das/dos jovens de 12 anos, Cabral é citado como “descobridor” e não como um símbolo que as/os estudantes se identifiquem, o mesmo ocorre com D. Pedro I, apesar de ser citado como uma figura “forte” e de “poder”.

Evidenciamos no destaque dessas menções de personalidades da história brasileira e dos fatos históricos que ambos ainda denotam uma abordagem da história eurocêntrica, mesmo identificando uma “brecha” para se refletir sobre a resistência indígena frente a colonização portuguesa, ou mesmo para identificar algumas permanências na atualidade, como é o caso do racismo muito mencionado nas narrativas de ambas instituições.

Logo abaixo separamos uma categoria que serviu para agrupar as menções sobre o presente, em específico a relação passado presente, das/dos estudantes que aparecem nas narrativas. É preciso destacar que em relação a história do Brasil, as/os estudantes de 12 anos fixam nos acontecimentos do Brasil colônia, às vezes alternando com a Independência do Brasil, às vezes com o Brasil atual.

Subdividimos essa categoria, pois aparecem menções com o presente tanto de forma *problemática* quanto de forma *satisfatória*, por isso decidimos por separar os dois itens nos quadros 03 e 04.

Quadro 03. Relação Passado Presente: Presente Problemático.

RELAÇÃO PASSADO PRESENTE: PRESENTE PROBLEMÁTICO	
Sujeitos	Trechos e ou narrativas completas
Estudante 7 ^a	<i>“[...] atualmente está na crise, desemprego e só.”</i>
Estudante 10 ^a	<i>“O Brasil atualmente está muito cheio de roubalheira dos políticos, dos deputados, dos vereadores e etc. Atualmente os salários das pessoas estão atrasando muito.”</i>
Estudante 15 ^a	<i>“O meu país que eu moro no Brasil ele esta em mãos muito ruins na mão de Michel Temer. E o país está muito corrupto e também com muito racismo machismo e é contra sua religião.”</i>
Estudante 22 ^a	<i>“O Brasil existiu quando a pangeia era um continente só ai após milhares de anos elas foram se espalhando pelo mundo inteiro assim</i>

	<i>formaram os continentes os nomes deles são, América do sul, América do norte, América central, Ásia, África, Europa, Austrália depois esses continente foram colonizados até os dias de hoje.”</i>
Estudante 9B	<i>“É muito perigoso e um pouco bom, lá onde moro é uma rua um pouco perigosa porque tem mata aí é ruim morar numa rua assim, bom, é isso que eu sei do nosso país.”</i>
Estudante 11B	<i>“O Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral. O Brasil já foi um país rico em minerais. O Brasil foi roubado por muitos outros países. O Brasil fica na América do Sul.”</i>
Estudante 12B	<i>“Meu país é corrupto e democrático cheio de ladrão e violência.”</i>
Total de Frequências:	4 estudantes do colégio A 3 estudantes do colégio B

Fonte: Questionários aplicados em (2017 e 2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifo nosso)

Do total dos 39 estudantes, somente 7 delas/deles estabeleceram uma relação de passado e presente de forma problematizadora ou ressignificada. O país se encontra numa crise econômica, financeira, política e social que vêm se agravando após o Golpe de 2016, podemos perceber que essa crise está refletida de alguma forma na vida dessas/desses estudantes que a destacam com ênfase e indignação.

Discussões atuais como as lutas de gênero e de movimentos étnicos raciais, estão ganhando cada vez mais visibilidade e trazem a tona a realidade de uma sociedade brasileira que ainda traz consigo permanências de um período colonial, um patriarcado conservador escravagista, com a presença do racismo e do machismo, bem identificado pelo estudante 15 A *“E o país está muito corrupto e também com muito racismo machismo e é contra sua religião”*.

Mesmo que tenham ocorrido poucas menções acerca dessas permanências, racistas, misóginas e homofóbicas, compreendemos que, se ocorreu essa identificação e problematização da realidade, então essa/esse estudante identifica que nem todas/todos compartilharam/partilham da história da nação brasileira e construção dela da mesma forma.

De acordo com Cerri (2012, p. 179),

[...] se participamos da nação para que todos se beneficiem e a própria história da construção da nação prejudicou alguns por meio da exploração, o pacto se fragiliza; se a desigualdade que causamos não é ao menos combatida, a comunidade perde sua credibilidade e meu benefício pessoal ao participar dela também está ameaçado.

Dentro dessa subcategoria pudemos observar que algumas/alguns jovens não consideram apenas a história na elaboração da narrativa, como indicam Caimi e Mistura (2018), mas elas/eles acabaram por ressignificá-las, já que recusam contar a história de seu país a partir da “história oficial” ou, segundo as autoras, das “memórias de bronze”.

Nesse sentido encontramos as narrativas daqueles/daquelas que adotam outras perspectivas, como a geográfica que considera a divisão dos continentes, assim como a/o estudante 9B que narrou a história da rua onde mora, identificando-a como sendo seu país *“É muito perigoso e um pouco bom, lá onde moro é uma rua um pouco perigosa porque tem mata aí é ruim morar numa rua assim, bom, é isso que eu sei do nosso país”*. Escrever sobre o que faz sentido para a/o estudante, para a vida dela/dele também é importante ser identificado, pois percebemos que esta/este aluna/aluno coloca a sua rua como parte da história do seu país.

A seguir temos a subcategoria Relação passado presente satisfatório, vejamos.

Quadro 04. Relação Passado Presente: Presente Satisfatório.

RELAÇÃO PASSADO PRESENTE:	
PRESENTE SATISFATÓRIO	
Sujeitos	Trechos e ou narrativas completas
Estudante 8 ^a	<i>“que eu gosto de morar no Brasil e não troco por nada o Brasil não saio daqui.”</i>
Estudante 19 ^a	<i>“O Brasil é Rico..”</i>
Estudante 6B	<i>“Os portugueses vinham em navios que se chamavam Caravelas e um dia eles acharam um lugar que tinha um pé de pau que o nome dessa planta era pau Brasil e desse nome partiu para o nome do nosso país o Brasil, eu me orgulho</i>

	<i>do país que vivo.”</i>
Total de Frequências:	2 estudantes do colégio A 1 estudantes do colégio B

Fonte: Questionários aplicados em (2017 e 2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifo nosso)

As/os 3 estudantes se identificam com uma “conformidade” ou “aceitação” da realidade nacional como ela foi ou é, o que nos leva ao conceito de competência narrativa que para Cerri (2013, p.274) “[...] é através da narrativa que se pode realizar a orientação temporal, sintetizando historicamente as dimensões do tempo, valor e da experiência”.

A competência de experiência ou perspectiva dessas/desses estudantes da subcategoria parece estar ainda em desenvolvimento, esta seria a capacidade de perceber o passado como tal, mas condicionante da vida (CERRI, 2013). Os desenvolvimentos de cada uma das competências é levar o sujeito a um “letramento histórico” em que haja a possibilidade de orientação da vida através do conhecimento e reconhecimento histórico e da sua tomada de decisões a partir dele, o que entrecruza com a consciência histórica.

A última categoria de análise dessas narrativas das/dos jovens de 12 anos refere-se ao nosso questionamento central acerca dos pertencimentos nacionais dessas/desses jovens. Separamos as menções que indicaram alguma relação de pertença, que pode ir além de uma identidade nacional, sendo composta por um conjunto de pertencimentos sociais de classe, etnia, de gênero, religião, de região (BITTENCOURT, 2007).

Quadro 05. Relação de pertença nacional.

ACONTECIMENTO QUE INDIQUE RELAÇÃO DE PERTENÇA NACIONAL	
Sujeitos	Trechos e ou narrativas Elaboradas
Estudante 15A	<i>“O meu país que eu moro no Brasil ele está em mãos muito ruins na mão de Michel Temer. E o país está muito corrupto e também com muito racismo machismo e é contra sua religião.”</i>
Estudante 27A	<i>“[...] onde os índios já estavam lá e que trocavam a nossa riqueza o Pau-Brasil por pentes, espelhos entre outros produtos, com muita</i>

	<i>luta eles conseguiram a independência.”</i>
Estudante 6B	<i>“[...] acharam um lugar que tinha um pé de pau que o nome dessa planta era pau Brasil e desse nome partiu para o nome do nosso país o Brasil, eu me orgulho do país que vivo.”</i>
Estudante 7B	<i>“[...] Após a descoberta Pedro Álvares Cabral deu o nome do nosso país de Brasil.”</i>
Estudante 9B	<i>“É muito perigoso e um pouco bom, lá onde moro é uma rua um pouco perigosa porque tem mata aí é ruim morar numa rua assim, bom, é isso que eu sei do nosso país.”</i>
Estudante 12B	<i>“Meu país é corrupto e democrático cheio de ladrão e violência.”</i>
Total de Frequências:	2 estudantes do colégio A 4 estudantes do colégio B

Fonte: Questionários aplicados em (2017 e 2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifo nosso)

As expressões que remetem a um possível pertencimento nacional novamente têm poucas ocorrências. Foram mencionadas por 6 estudantes de um total de 39 estudantes, em que o Brasil é tratado com algo a parte e não se sentem incluídos na construção do país. Podemos identificar que o “sentimento” de pertença dos 6 estudantes são do seu presente e não do passado, pelo menos não diretamente.

A aceitação de um país problemático no passado mas também no presente não significa a aceitação dessa realidade sem crítica. O sentimento de não se sentir representado por um governo é um exemplo disso, ou até mesmo a indignação de morar num país com alta corrupção política, o que acarreta problemas sérios na administração pública do país, deixando seus habitantes a mercê da violência, desemprego, entre outros problemas.

De outro lado temos a aceitação só do que é “bom” no país, como de suas riquezas. Nenhum das/dos estudantes se identificou com alguma personalidade histórica ou acontecimento que as/os incluía na construção dessa nação. Não observamos um reconhecimento como seu passado direto, mas sim do lugar onde elas/eles vivem, em nível nacional.

A história precisa ser urgentemente recontada e ouvida por outras versões, não mais a versão homogeneizadora de resquícios de um projeto político nacional conservador, para

evitar uma visão etnocêntrica de mundo e com isso poder prevenir alguns comportamentos excludentes (CERRI, 2010).

Mesmo que hoje, mediante a definição de políticas públicas como a instituição da Lei 10.639/2003 e 11.645/2008, entre outras, as temáticas da diversidade se constituem numa obrigatoriedade para todos os níveis, parece permanecer o foco de privilegiar uma história que enfatiza algumas personalidades históricas, sem levar em conta todas as vozes presentes na construção nacional que continuam a ser silenciadas.

Procederemos, na sequência à análise das narrativas de jovens de 16 anos.

3.2 As narrativas das/dos jovens de 16 anos

Os dados coletados no grupo de jovens de 16 anos totalizaram 30 narrativas⁶, incluindo estudantes do colégio *A* e *B*. A amostra do colégio *A* é composta por 22 narrativas, sendo 12 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Já a do colégio *B* é composta por 08 narrativas, sendo 04 do sexo feminino e 04 do sexo masculino.

Os participantes foram selecionados a partir do critério principal: estar matriculado em turmas finais do Ensino fundamental e no Ensino Médio com idade próxima a 16 anos, indicados pela direção da escola. Estas/estes foram selecionadas/selecionados por estarem no fim da escolarização obrigatória no Brasil, aqui também mantemos em sigilo os nomes das/dos que participaram.

Seguimos o mesmo procedimento realizado com as/os alunas/alunos de 12 anos, que foi solicitar a produção de dois textos, com o mesmo tempo para resposta, no mínimo, 45 minutos. Destacamos novamente que foi selecionada para a análise somente a primeira questão referente a história do seu país.

No geral das narrativas podemos observar primeiramente que os erros de ortografia pareciam estar mais presentes nas advindas do colégio *B*, até mesmo em comparação aos jovens de 12 anos do mesmo colégio. Algumas chegam a ter problemas graves de separação de palavras com escritas coladas uma na outra. Também se observa que as narrativas do grupo de 16 anos são mais extensas e apresentam mais elementos históricos que aquelas do grupo de

⁶ As narrativas completas estão disponíveis em anexo.

12 anos, o que pode evidenciar que a escolarização, efetivamente, como esperado, possibilita a ampliação dos conhecimentos, seja no campo da história ou de outras áreas do saber escolar

Mantivemos as mesmas categorias que emergiram das narrativas dos/das estudantes de 12 anos. Na sequência, apresentar as elaboradas em resposta à consigna *Conte a história do seu país* que nos remete a ideia de Acontecimento fundador.

Quadro 06. Acontecimento fundador.

ACONTECIMENTO FUNDADOR	
Sujeitos	Trechos e/ou narrativas completas
Estudante 1A	<i>“O Brasil, antes colônia de Portugal, foi descoberto no final do século XV por Pedro Álvares Cabral e se tornou um território bastante importante para a economia de Portugal, onde foram desenvolvidas as atividades mercantilistas e se tornou o maior produtor de cana de açúcar em todo planeta, levando Portugal ao auge de seu desenvolvimento...”</i>
Estudante 2A	<i>“A história do Brasil é iniciada com a chegada dos portugueses por volta de 1500. Entretanto, esse território americano já estava sendo habitado por índios e antes foi povoado por três tribos os Incas, maias e astecas. Com o falecimento dessas tribos, os portugueses colonizaram os índios principalmente no litoral e posteriormente implantou-se as sesmarias e o governo geral...”</i>
Estudante 3A	<i>“Inicialmente, a terra era ocupada pelos nativos, os indígenas que tinham costumes totalmente diferentes dos europeus colonizadores que ocuparam a terra...”</i>
Estudante 4A	<i>“O Brasil, o meu país, foi descoberto pelos portugueses em 1500 com Pedro Álvares Cabral...”</i>
Estudante 5A	<i>“A história do Brasil se inicia, começa a ser contada, em 1500 com a chegada dos portugueses, mas antes disso, povos nativos estavam dispersos por todo território brasileiro. Foi uma colonização de exploração, para enriquecer o império português e favorecer a sua economia...”</i>
Estudante 6A	<i>“Foi descoberto em 1500, pelos portugueses, especificamente por Pedro Álvares Cabral, porém já era habitado pelos indígenas trazendo então a questão de quem foi que descobriu primeiro, logo de início o estranhamento dos indígenas ao verem os portugueses foi grande, mas depois os portugueses começaram a catequizar os</i>

	<i>indígenas em relação a cultura e religião...”</i>
Estudante 7A	<i>“A história do Brasil, como popularmente conhecida, iniciou-se de certa forma em 1500, quando os portugueses chegaram a colônia indígena...”</i>
Estudante 8A	<i>“O Brasil foi um que em 1500 foi invadido pelos portugueses, mas ficou conhecido como descobrimento do Brasil, porém os índios já habitavam o país então não era um lugar desconhecido, para ter sido descoberto igual muitos livros de história mostram e que é ensinado nas escolas após a invasão o Brasil começou a ser colonizado e os índios que aqui moravam foram tendo sua privacidade invadida tendo que se adequar a nova rotina, os índios falava uma língua diferente dos seus visitantes e com isso ambos tiveram que aprende esses idiomas depois disso começou a catequização dos índios, convertendo em católico, religião que chegou ao Brasil nessa época e está presente até os dias atuais sendo a religião com maior números de pessoas, um tempo depois a família real veio mora no Brasil com isso veio para o Brasil a família real e os escravos...”</i>
Estudante 9A	<i>“[...] Desde quando foi ‘descoberto’ pelos portugueses o Brasil foi visto como fonte de exploração, sendo usado para retirada de matérias-primas e enriquecendo colônias...”</i>
Estudante 10A	<i>“O Brasil começou a ser colonizado no ano de 1500 pelos portugueses, sendo que anteriormente a este fato, o mesmo era habitado pelas populações indígenas, os quais durante todo o período colonial foram tratados e usados como escravos da coroa portuguesa...”</i>
Estudante 11A	<i>“Brasil foi invadido pelos portugueses que tomaram as terras dos índios que habitavam...”</i>
Estudante 12A	<i>“O Brasil foi ‘descoberto’ pelos portugueses (por Pedro Álvares Cabral) no século XVI, e chamado de Terra de Vera Cruz. Até então, quem habitava o território eram os índios. A partir do ‘descobrimento’, o país passou a ser explorado pelos europeus, que usavam mão-de-obra escrava...”</i>
Estudante 15A	<i>“O Brasil foi descoberto para o mundo por um português, e foi a partir daí que começou a colonização do Brasil onde os portugueses e outros começou a exploração de vários tipos de materiais. O Brasil já era habitado por índios, quando os portugueses chegaram e encontraram os índios ofereceram coisas que não eram muito importantes para eles, mas para os</i>

	<i>índios era algo novo, por exemplo, espelhos, sapatos entre outros, e em troca os índios ofereciam o que tinham em grande quantidade, é o caso do pau-brasil...”</i>
Estudante 16A	<i>“Em 1500 os portugueses chegaram aqui no Brasil. Eles o invadiram, doutrinaram as nossas terras e extraíram as nossas matérias primas para serem fornecidas a Portugal, sua metrópole. Diversas pessoas de povos distintos participaram da construção do nosso país especialmente os negros africanos trazidos para cá durante o Brasil colonial...”</i>
Estudante 17A	<i>“Em 1500, os portugueses invadiram o território que conhecemos hoje como Brasil, antes disso era habitado pelos índios, que era os donos, após os portugueses invadirem, fizeram trocas os índios, trocas bestas, mas já que os índios tiveram contato com joias, espelhos, aceitaram facilmente...”</i>
Estudante 18A	<i>“Por volta de 1500 uma expedição vinda de Portugal comandada por Pedro Álvares Cabral chegou ao que se tornaria o Brasil. A partir disso, Portugal, que sem querer encontrou o Brasil, já que queria na verdade achar uma rota alternativa para a Índia se nomeou ‘dono’ da terra, apossando-a como colônia...”</i>
Estudante 19A	<i>“O Brasil foi conquistado nos anos de 1500, primeiro com o intuito de extrair suas riquezas, depois, um refúgio para a Família real...”</i>
Estudante 20A	<i>“[...] com a descoberta do Brasil os índios tomaram posse é assim foi descoberta essa nação. Daí vieram Reinados, dominação de terras, combates e etc...”</i>
Estudante 21A	<i>“Em 1500, os portugueses chegaram às terras brasileiras, exploraram e colonizaram. Portugal sempre no comando...”</i>
Estudante 22A	<i>“Dado início no ano de 1500, a história do Brasil, é caracterizada por lutas, mas nem tanto por glórias...”</i>
Estudante 1B	<i>“No início o Brasil já era habitado pelos indígenas quando o Brasil foi encontrado por Pedro Álvares Cabral, onde ele conquistou as terras dos indígenas...”</i>
Estudante 2B	<i>“O Brasil foi um país habitado pelos povos indígenas. Os portugueses encontraram essa terra e pela teoria quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral...”</i>
Estudante 3B	<i>“Meu país era habitado pelos indígenas mas os portugueses encontraram essa terra depois dos indígenas e começaram a</i>

	<i>explorar fizeram também um acordo com os índios por meio da troca, só que, quem se beneficiava eram os portugueses, porque eram eles que recebiam coisas valiosas, como o pau-brasil. Os portugueses levavam o pau-brasil para Portugal com o intuito de usar a cor que havia no pau-brasil para dar cor a roupa do rei de Portugal, primeiramente quem descobriu o Brasil foi Dom Pedro Álvares Cabral...</i>
Estudante 4B	<i>“O Brasil foi descoberto por portugueses que navegavam em busca de novas terras. Quando chegaram aqui haviam indígenas habitando o território. Depois ele foi colonizado pelos portugueses...”</i>
Estudante 6B	<i>“A história do meu país foi fundada pela Proclamação do Brasil que foi criada por D. Pedro I que foi um grande regente do nosso país, ajudou muito ele até contra a escravidão...</i> ”
Estudante 8B	<i>“O meu país é o Brasil, eu sei um pouco da história dele. Antes do Brasil se formar um país e ser descoberto passou por muitas revoluções e guerras e lutas para ser um país. Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil e nesse território habitavam os índios, e a coroa portuguesa veio até o Brasil...</i> ”
Total de Frequências:	21 estudantes do colégio A 6 estudantes do colégio B

Fonte: Questionários aplicados em (2017 e 2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifo nosso)

As narrativas das/dos jovens de 16 anos são mais elaboradas discursivamente e com mais elementos históricos, remetem a economia, religião, mas como já identificadas nas narrativas das/dos jovens de 12 anos a história do país ainda continua sendo escrita tendo como foco o período colonial.

Embora o foco dado a resposta à consigna *Conte a história do seu país* tenha o foco no Brasil colônia, importa indicar que identificamos que as narrativas das/dos estudantes de 16 anos, não ocorre pelo mesmo prisma presente nas narrativas das/dos estudantes de 12 anos. Observa-se a presença de indicativos que remetem a possível compreensão do acontecimento fundador como processo colonizador. A recorrência da palavra colônia ou colonização aparece em 15 textos produzidos, dos 20 do colégio A, e, 3 dos 6 do colégio B.

A ocupação portuguesa e a presença dos indígenas nesse território, também está presente nas narrativas. A chegada e descobrimento são recorrências importantes que revelam

como as/os estudantes compreendem a história de seu país. Embora se observe uma polarização entre “descobrimento” e a presença de indígenas no território, outras expressões também são mencionadas para nomear esse acontecimento fundador. Identificamos 07 recorrências para o termo “descoberta” ou “descobrimento”; 05 recorrências para “chegada dos portugueses”; 04 recorrências para “invasão”; 01 ocorrência para “conquista”; 01 para “colonização”; 01 para “caracterizada por lutas” e 01 para “ocupação”, todas do colégio A. Nas narrativas elaboradas pelos/pelas estudantes do colégio B para nomear o acontecimento fundador identificamos 03 recorrências para “encontraram”; 02 para “descoberta”; 01 ocorrência para “conquistada”; 01 ocorrência para fundada e 01 para proclamação da República.

Entendemos que ao nomear o acontecimento fundador como descoberta, conquista, invasão ou achamento, está presente uma concepção do que significou o encontro entre portugueses com o território ocupado pelos indígenas. Uma/um das/dos estudantes menciona esse aspecto ao criticar o conteúdo dos livros de história trabalhados nas salas de aula que abordam a chegada dos portugueses ao Brasil como “descobrimento”, a/o estudante 8A escreve que,

O Brasil foi um que em 1500 foi invadido pelos portugueses, mas ficou conhecido como descobrimento do Brasil, porém os índios já habitavam o país então não era um lugar desconhecido, para ter sido descoberto igual muitos livros de história mostram e que é ensinado nas escolas após a invasão o Brasil começou a ser colonizado...

A diversidade de conceitos atribuídos ao acontecimento fundador, portanto, nos permite interpretar que, apesar da permanência do termo descobrimento em algumas narrativas, essa concepção não é mais uma unanimidade. Tal abordagem vem sofrendo variações advindas, possivelmente, de outras perspectivas históricas que se posicionam em prol de dar voz e espaço para as histórias de grupos silenciados por uma tradição historiográfica calcada na narrativa eurocêntrica.

A compreensão de que os portugueses acharam ou invadiram o território é significativa e denota a abordagem de uma história que considere os “vencidos”. Mas importa observar que as narrativas não evidenciam que antes da chegada dos colonizadores, esse território era habitado por sujeitos históricos, mas pelos indígenas, nos remetendo a uma generalização unificadora. Revela que ainda permanece um silenciamento sobre as histórias de diferentes povos indígenas.

Ao silenciar sobre a história indígena, ou considera-la como um bloco homogêneo, entendemos que há uma fragilidade de conhecimentos escolares sobre a diversidade de povos que efetivamente formaram o nosso país.

Ainda nas narrativas que remetem ao acontecimento fundador, observamos que as/os estudantes do colégio A fazem uso frequente de marcadores temporais, com datação dos acontecimentos históricos. A/o estudante 16A faz menção ao processo de construção do país que foi realizado por “povos distintos” e dá o exemplo dos africanos.

Na totalidade das narrativas, percebemos que há uma diferença no início das narrativas do colégio A e B, enquanto o primeiro as/os jovens iniciam com a chegada dos portugueses, as/os jovens do segundo colégio iniciam afirmando que os indígenas já habitavam o território como habitantes originários.

Nessas narrativas temos a ocorrência de nomes de personalidades históricas, em sua maioria ligadas ao período colonial como também identificamos nas narrativas das/dos estudantes de 12 anos. Foram citados, Pedro Álvares Cabral, D. Pedro I e a Princesa Isabel, numa das narrativas D. Pedro I aparece como “grande regente do nosso país”.

Parece que elas/eles ligam essas personalidades da história do país do início da colonização como personagens que “devem” ser lembrados pelo “serviço” a nascente nação brasileira. A identificação com essas personalidades históricas também foi percebida na pesquisa de Caimi e Mistura (2018). As pesquisadoras apontam para o fato de que existem semelhanças na listagem de personalidades nos quatro países participantes da pesquisa que realizaram.

Para as autoras, a semelhança entre os quatro países “[...] concerne à presença hegemônica das figuras masculinas indicativas dos heróis nacionais nas representações sociais dos estudantes” (CAIMI; MISTURA, 2018, p.158). Nas narrativas colhidas para nossa pesquisa essa semelhança continua presente, mesmo com o nome da Princesa Isabel sendo mencionado em algumas respostas, a maioria se concentra nas figuras masculinas e brancas do período.

Em resumo, de 30 narrativas 27 apresentaram nas respostas algum acontecimento fundador para a história do país, o que pode indicar uma relação de compreensão de um passado nacional, de que ele existiu e que o presente não é igual a esse passado. Porém, isso não anula os acontecimentos históricos, o que não significa que devem ser entendidos como “verdades absolutas” ou que esse passado “foi assim e não de outro jeito”.

Abaixo verificamos as frequências nas respostas de uma história do Brasil que teve seu caminho atravessado pela violência fundadora.

Quadro 07. História marcada pela violência fundadora.

HISTÓRIA MARCADA PELA VIOLÊNCIA FUNDADORA:	
Sujeitos	Trechos e ou narrativas completas
Estudante 2A	<i>“[...] Com a descoberta de minérios e o aproveitamento satisfatório das duas capitanias hereditárias de Pernambuco e São Vicente, o governo geral foi posto um fim com Tomé de Souza e Mem de Sá. Doravante, o Brasil passou a ser governado por D. Pedro I, que posteriormente fundou a 1ª Assembleia Constituinte, porém, logo foi fechada por satisfazer D. Pedro, que em seguida tornou-se o poder moderado cuja função exercida limitava o Estado, ocorreu também as noites das garrafadas pelo assassinato de um jornalista importante. Nesse contexto, a população revoltada pois um fim ao seu reinado, que posteriormente foi ocupado por seu filho, entretanto, o mesmo não podia governar devido a sua idade e o governo passou a ser dirigido por uma classe denominada de regentes e o poder foi dividido em conservadores e liberais...”</i>
Estudante 4A	<i>“[...] Foi colonizado e em seguida começou a escravidão. Depois de sofrer com a escravidão, e de os estrangeiros desfrutarem de nossas riquezas, principalmente do pau-brasil, o país sofreu pois seus próprios habitantes, os índios, eram forçados a trabalhos desumanos. Os escravos vindos para o país com os navios negreiros foram catequizados, convertidos a acreditarem em deuses que não conheciam. Depois desse e outros diversos acontecimentos o país proclamou a independência.”</i>
Estudante 5A	<i>“Depois disso vem a época do Brasil República e seus diversos presidentes, antes disso teve a época da escravidão para trabalhar nas fábricas de açúcar os escravos vinham da África, com promessa de vida boa e lucro, mas depois de um tempo isso foi abolido pela princesa Isabel...”</i>
Estudante 7A	<i>“[...]Pedro Álvares Cabral era o líder dos portugueses, e assim iniciou o período de grande exploração, utilizando índios e africanos como escravo para mandar obras-primas para Portugal. Ao passar do tempo D. Pedro I fez o grito de independência do Brasil. Mesmo que o Brasil tenha ficado independente, a exploração continuou com os negros sendo escravos dos Fazendeiros. Depois de muito tempo a Princesa Isabel fez um</i>

	<i>decreto para libertar os negros...”</i>
Estudante 10A	<i>“O Brasil começou a ser colonizado no ano de 1500 pelos portugueses, sendo que anteriormente a este fato, o mesmo era habitado pelas populações indígenas, os quais durante todo o período colonial foram tratados e usados como escravos da coroa portuguesa...”</i>
Estudante 11A	<i>“Brasil foi invadido pelos portugueses que tomaram as terras dos índios que habitavam. Tentaram catequizar eles e usaram eles como escravos. Depois de um tempo, negros passaram a vim para o Brasil e também ser escravizado. Demorou um longo tempo para os negros conseguirem a sua liberdade. O Brasil foi o último país a abolir a escravidão, o que pra mim é uma vergonha...”</i>
Estudante 12A	<i>“[...]A partir do ‘descobrimento’, o país passou a ser explorado pelos europeus, que usavam mão-de-obra escrava. D. Pedro proclamou a independência da República. O país foi dividido em 13 capitanias hereditárias, que eram exploradas. Nos engenhos havia produção de açúcar e café, que era sempre exportado os escravos, especialmente os índios, eram catequizados, com o pretexto de precisarem de salvação.”</i>
Estudante 18A	<i>“[...]Daí por diante foi um grande período de exploração e roubo de recursos, conflitos para o fim da exploração, até Portugal ceder e fazer um acordo de independência que no fundo foi mais uma forma de exploração por conta do muito que o Brasil teve que pagar.”</i>
Estudante 20A	<i>“[...]Com tantos ataques, guerras, Revolução, com a descoberta do Brasil os índios tomaram posse e assim foi descoberta essa nação. Daí vieram Reinados, dominação de terras, combates e etc...”</i>
Estudante 22A	<i>“Dado início no ano de 1500, a história do Brasil, é caracterizada por lutas, mas nem tanto por glórias...”</i>
Estudante 2B	<i>“[...] Os portugueses tomaram posse e começaram a explorar o Brasil, como eles tinham muito mais posses tornaram os índios escravos...”</i>
Estudante 3B	<i>“[...] o tempo foi passando e os portugueses começaram a invadir tendo posse da terra, expulsando, maltratando, matando os indígenas, por isso hoje nós não costumamos ver os índios frequentemente as anos foi se passando e Portugal decidiu quem governaria o Brasil e hoje está extinto o pau-brasil, por causa dos</i>

	<i>portugueses.”</i>
Estudante 6B	<i>“[...] também na batalha de Jenipapo que muitas mulheres trocaram suas joias por armas e também se engajaram na guerra pela independência do Brasil e tanto que ganhou a maioria das guerras que participaram mas também teve suas derrotas como a busca para o fim da escravidão que teve muita luta mas foi conquistado com muito trabalho...”</i>
Estudante 8B	<i>“O meu país é o Brasil, eu sei um pouco da história dele. Antes do Brasil se formar um país e ser descoberto passou por muitas revoluções e guerras e lutas para ser um país. Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil e nesse território habitavam os índios, e a coroa portuguesa veio até o Brasil e teve muitas guerras entre os índios e os pés de pena ‘os portugueses’ que os índios chamavam eles de pé de pena e houve muitas confusões, entre outras, muitos indígenas morreram entre esses combates e os portugueses traficavam as riquezas do Brasil para outros países e assim foi empobrecendo o Brasil. E o Brasil foi pagando para outras colônias para se tornar um só país.”</i>
Total de Frequências:	10 estudantes do colégio A 4 estudantes do colégio B

Fonte: Questionários aplicados em (2017 e 2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifo nosso)

As menções sobre uma história violenta são apresentadas por 14 estudantes e giram em torno da exploração da colônia pelos portugueses, ou segundo a/o estudante 18A o “roubo de recursos”. A escravização indígena e africana, são os acontecimentos que compõe essa categoria nas narrativas das/dos estudantes dos dois colégios A e B, quase que unanimidade.

Apesar dessas semelhanças nas menções, algumas narrativas têm certa especificidade na abordagem de alguns acontecimentos. Identificamos que numa referência ao genocídio indígena ocorrido nos anos iniciais da colonização, a/o estudante 3B acredita que pode ter sido de proporções grandes já que eles quase não são vistos “frequentemente”, pois segundo ela/ele *“[...] o tempo foi passando e os portugueses começaram a invadir tendo posse da terra, expulsando, maltratando, matando os indígenas, por isso hoje nós não costumamos ver os índios frequentemente...”*.

Nas narrativas das/dos jovens do colégio A predominam os fatos políticos e administrativos do Brasil que perpassam o século XVI e XIX, com destaque para conflitos

ocorridos no período imperial. Nas narrativas das/dos jovens do colégio *B* há um predomínio dos conflitos período colonial, principalmente as lutas pela independência do Brasil.

A/o estudante 6B faz menção a Batalha do Jenipapo, um conflito que ocorreu em 1823 contra as forças portuguesas, ela/ele dá destaque a participação feminina na Batalha, “[...] também na batalha de Jenipapo que muitas mulheres trocaram suas joias por armas e também se engajaram na guerra pela independência do Brasil...”.

A história de um país que é narrada evidencia o peso da violência fundadora. Em meio as mudanças de períodos, de séculos, as/os estudantes conseguem identificar algumas permanências, resquícios dos acontecimentos mais marcantes da história do país, como a escravização dos povos africanos, a dependência de um país frente a outros, para citar algumas.

Também identificamos nomes de personagens históricos do cenário político brasileiro mais atual, são elas: Collor, Vargas, Dilma, Lula e Temer, mencionados nas narrativas completas, mas que não entram nas categorias que definimos para esta análise.

As/os estudantes que escrevem, maioria do colégio *A*, fazem uma abordagem mais mesclada com os acontecimentos históricos do século XX e XXI, nem sempre sugerindo um sentido de progresso na história do país, pois percebemos em algumas narrativas o sentido de fracasso ou como chamamos de presente problemático.

Identificamos também que elas/eles conseguem diferenciar, na maioria das vezes, as ordens de duração dos fatos históricos, principalmente o “acontecimento” ou fato de breve duração “[...] corresponde a um momento preciso: um nascimento, uma morte, a assinatura de um acordo, uma greve, etc.” (BITTENCOURT, 2008, p. 207).

E também a “conjuntura” ou fatos de duração média “[...] que resulta de flutuações mais ou menos regulares no interior de uma estrutura [...]” (BITTENCOURT, 2008, p. 207), como as revoluções, ditaduras, guerras.

Percebemos até aqui que em grande parte das menções que compõem as categorias dos quadros 05 e 06 das narrativas das/dos jovens de 16 anos, a concentração das respostas está em apresentar os fatos históricos sem questioná-los, na maioria das vezes, com isso, entendemos que,

Certamente, compete ao ensino de história dar a conhecer os fatos históricos. Contudo, isso denota que ainda temos como práticas privilegiadas o fato histórico como elemento central do ensino, o que pode denotar que outros aspectos da formação são pouco contemplados, principalmente se pensarmos na análise do ensinado em relação ao presente, aos direitos humanos e à

diversidade de narrativas sobre um mesmo acontecimento (LUCINI, 2018, p.72).

Enquanto as aulas de História não se basearem na crítica e na reflexão dos textos apresentados em sala essa situação continuará ocorrendo. Os indígenas e os africanos continuarão tendo suas histórias marcadas pela violência fundadora da escravidão e não pela sua luta de resistência aos desmandos dos colonizadores; não pela sua cultura formadora da nossa cultura nacional.

A violência fundadora não pode ser omitida, nem esquecida, pois ela é um traço que delinea a história desse país, no entanto, precisamos recontar essas histórias na perspectiva de outros sujeitos e não exclusivamente pela narrativa colonizadora.

A seguir verificamos a relação passado presente dessas/desses jovens, se eles indicam nas respostas mudanças no cenário brasileiro que trazem um presente problemático e/ou satisfatório.

Quadro 8. Relação Passado Presente: Presente Problemático.

RELAÇÃO PASSADO PRESENTE: PRESENTE PROBLEMÁTICO	
Sujeitos	Trechos e ou narrativas completas
Estudante 9A	<i>“Sabemos que o Brasil sempre foi um país explorado e continua sendo [...] Por ter sido muito explorado e muito disputado, o território (não diferente dos outros) foi formado com base no pensamento capitalista e por esse motivo apresenta desorganização estrutural, social, econômica e política. Apesar de ter um grande território, muitos países usufruem, sem pagar, prejudicando a economia brasileira.”</i>
Estudante 10A	<i>“[...] Atualmente, o Brasil passa por uma crise econômica, devido a falta de administração coerente dos políticos os quais os governam ou governaram. Durante muito tempo e até hoje em dia, o Brasil viveu uma política café com leite (entre MG e SP).”</i>

Estudante 11A	<p><i>“[...] O Brasil foi o último país a abolir a escravidão, o que pra mim é uma vergonha. Creio que até hoje o Brasil não terminou com essa palhaçada. Se é considerado ‘um país de todos’, porque ainda existe escravidão.”</i></p>
Estudante 13A	<p><i>“(Falei sobre Atualidade) Bom, atualmente o país passa por uma situação difícil, a ‘crise’, a ‘roubalheira’ etc... O Brasil passa por uma crise absurda, com várias roubalheiras, os presidentes roubam, furtam etc... Uma coisa que muito discutem é sobre política, brigam, xingam etc... É roubo atrás de roubo. Muitos ficam discutindo sobre política, mas na verdade não tem partido honesto. O Brasil é um dos maiores países do mundo, maior exportador de carne, grande exportador de petróleo, entre outros, não podemos deixar esses ladrões acabarem com o país. Cada dia aumenta o imposto em algum produto; o salário mínimo (por exemplo) abaixou ‘10’ reais (um absurdo), então devemos [mudar?!] essa história, como? NÃO SEI; Mas tem acabar essa roubalheira, essa palhaçada. O Brasil já passou por muitas crises, e tropeços, mas esse é um absurdo, não podemos deixar isso acontecer, temos que agir. Na minha opinião o Brasil é um dos melhores países, em relação a tudo, mas atualmente tá uma ‘vergonha’.”</i></p>
Estudante 17 ^a	<p><i>- “[...] e é daí que podemos tirar o que estamos vivendo no nosso país hoje, violência, não a mesma violência de antes, mas o nosso país, conhecido pelo país do Futebol, um país sem segurança, e com uma renda salários dos trabalhadores pouca, porém nosso país tem no Rio Grande do Sul o maior parque de energia eólica, e graças a Deus abolimos a escravidão, e infelizmente ainda ocorrem atos racistas. O nosso país em si teve poucos presidentes que ajudaram de verdade o país, nossa história e futuro sobre a presidência e político, muitos roubos e desvios ocorre, e mudamos isso, aliás a história do nosso país é a gente que faz.”</i></p>

Estudante 20 ^a	<i>“[...] Resumo o Brasil de hoje, da atualidade, o Brasil é uma guerra ‘moderna’ com algumas pioradas segue o caminho das guerras de antigamente, mas com algo tem que mudar, a corrupção foi uma delas ‘a mudança’ que só faz nosso Brasil ir mais ao fundo do poço.”</i>
Estudante 22 ^a	<i>“[...] E as lutas não acabaram por aí, pelo contrário, só começou e se dá continuidade até os dias atuais.”</i>
Estudante 2B	<i>“[...] Até hoje nós temos um país de racismo e quem domina são os homens de muita posse financeira.”</i>
Estudante 3B	<i>“[...] o tempo foi passando e os portugueses começaram a invadir tendo posse da terra, expulsando, maltratando, matando os indígenas, por isso hoje nós não costumamos ver os índios frequentemente os anos foi se passando e Portugal decidiu quem governaria o Brasil e hoje está extinto o pau-brasil, por causa dos portugueses.”</i>
Total de Frequências:	7 estudantes do colégio A 2 estudantes do colégio B

Fonte: Questionários aplicados em (2017 e 2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifo nosso)

O presente problemático nessas 9 menções das/dos estudantes nos demonstra que elas/eles compreendem algumas permanências no plano geral dessa história do país, o que acarreta em consequências atuais, seja por meio de crises econômica, exploração do território por outros países, escravização de pessoas.

Essa categoria levanta uma discussão iniciada na categoria anterior sobre as ordens de duração dos fatos históricos explicada por Bittencourt (2008). Podemos identificar em relação ao Presente Problemático que os fatos de longa duração ou como a autora cita “a estrutura” estão presentes em suas respostas, ou pelo menos nas dessas/desses 9 estudantes.

Os fatos de longa duração, de acordo com Bittencourt (2008, p.207), são aqueles “[...] cujos marcos cronológicos escapam à percepção dos contemporâneos: a escravidão antiga ou moderna, o cristianismo ocidental, a proibição do incesto, etc.”. As permanências de algumas

instituições ou situações identificadas por elas/eles demonstram que algumas coisas ainda têm constâncias na história do país, como é o caso do preconceito racial, a escravidão, a exploração econômica de outros países.

Há uma insatisfação geral com o presente, o que pode indicar que ele “afeta” a vida delas/deles de alguma forma, pode haver em meio a esse desconforto um incômodo que a/o leve a questionar os rumos que o país está seguindo, levando até uma/um das/dos estudantes a se colocar como responsável também pela construção do país, de sua história “[...] *O nosso país em si teve poucos presidentes que ajudaram de verdade o país, nossa história e futuro sobre a presidência e político, muitos roubos e desvios ocorre, e mudamos isso, aliás a história do nosso país é a gente que faz*” (ESTUDANTE 17A) (grifo nosso).

No próximo quadro separamos na categoria Presente satisfatório as menções sobre um presente da história do país que, aparentemente “agrada” essas/esses jovens.

Quadro 09. Relação Passado Presente: Presente Satisfatório.

RELAÇÃO PASSADO PRESENTE:	
PRESENTE SATISFATÓRIO	
Sujeitos	Trechos e ou narrativas completas
Estudante 16 ^a	<i>“[...] Após a derrubada do governo ditatorial o Brasil voltou a ser uma república. Claro que houveram problemas após isso como a corrupção, mas certamente estamos no caminho para um país justo, com liberdade de expressão e respeito as diversidades.”</i>
Estudante 4B	<i>“[...] O Brasil era um país que usavam mão de obra escrava, que só veio a acabar depois de muitos anos, conseguiu obter independência em 7 de setembro e hoje é um país democrático.”</i>
Estudante 6B	<i>“[...] E o que eu tenho para dizer do meu país, que é um país vitorioso pelas suas conquistas.”</i>
Total de Frequências:	1 estudantes do colégio A 2 estudantes do colégio B

Fonte: Questionários aplicados em (2017 e 2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifo nosso)

Nessa categoria o total de frequência é baixo em relação ao total de narrativas, de 30 somente 3, mas indica que elas/eles acreditam numa história do país que segue uma linha de progresso ou que ainda não compreendem que o passado determinou as condições de tempo presente que elas/eles vivem.

Para compreender esse indicativo tomamos o conceito de competência narrativa⁷ discutido por Cerri (2010, p. 275) e uma de suas subdivisões que tem mais proximidade com essas menções das/dos estudantes, a competência da experiência “[...] constituída pela capacidade de perceber o passado como tal, distinto e distante do presente, mas condicionante da vida [...]”.

No intuito de significá-lo, entendemos que o conceito de competência narrativa seria então o uso do conhecimento histórico pelas pessoas no seu cotidiano (BONETE, 2013) e saber diferenciar o passado é um traço da aprendizagem histórica fundamental. Observamos que estas/estes estudantes o fazem, no entanto, se não identificamos nesse passado um local de experiências e escolhas que nos leva as condições do tempo presente e que as ações do presente também afetarão o futuro, a aprendizagem histórica ainda não foi alcançada de forma eficaz.

Nesse sentido, convém prezar pelo trabalho dos conteúdos históricos de forma crítica e não “dada” para essas/esses estudantes. Para que compreendam os acontecimentos históricos de forma mais abrangente e que faça sentido para refletirem sobre o seu cotidiano, no seu ambiente escolar, em sua casa, do trabalho dos seus pais, as diferenças dentro da sociedade, como estas a/o afetam, o que ao contrário de significar alienação ideológica, é criticidade da sua realidade histórica, isso é aprendizagem histórica.

Veremos no Quadro 09, logo abaixo, as menções que remetem a categoria das relações que indicam pertencimentos nacionais.

Quadro 10. Relação de pertença nacional.

ACONTECIMENTO QUE INDIQUE RELAÇÃO DE PERTENÇA NACIONAL

⁷ Para Cerri (2010, p. 274) a competência narrativa “[...] é a competência específica e essencial da consciência histórica, uma vez que é através da narrativa que se pode realizar a orientação temporal, sintetizando historicamente as dimensões do tempo, valor e da experiência”.

Sujeitos	Trechos e ou narrativas Elaboradas
Estudante 1A	<i>“Durante esse período colonial, o Brasil recebeu em suas terras vários povos africanos que hoje reflete na miscigenação que existe no nosso país.”</i>
Estudante 2A	<i>“Entretanto, após diversas transformações do governo e pessoas chegamos a democracia passando a oligarquia e o período de transformações.”</i>
Estudante 4A	<i>“O Brasil, o meu país, foi descoberto pelos portugueses em 1500 com Pedro Álvares Cabral. Foi colonizado e em seguida começou a escravidão. Depois de sofrer com a escravidão, e de os estrangeiros desfrutarem de nossas riquezas, principalmente do pau-brasil...”</i>
Estudante 7A	<i>- “[...] Passamos por um momento complicado que foi a ditadura, em que muitas pessoas não tinham direito a liberdade. Após esse momento passamos para a democracia que vivemos até hoje.”</i>
Estudante 8A	<i>“O Brasil foi um que em 1500 foi invadido pelos portugueses, mas ficou conhecido como descobrimento do Brasil, porém os índios já habitavam o país então não era um lugar desconhecido, para ter sido descoberto igual muitos livro de história mostra e que é ensinado nas escolas após a invasão o Brasil começou a ser colonizado e os índios que aqui morava foram tendo sua privacidade invadida tendo que se adequar a nova rotina...”</i>
Estudante 11A	<i>“[...] Demorou um longo tempo para os negros conseguirem a sua liberdade. O Brasil foi o último país a abolir a escravidão, o que pra mim é uma vergonha...”</i>
Estudante 13A	<i>“[...] Cada dia aumenta o imposto em algum produto; o salário mínimo (por exemplo) abaixou ‘10’ reais (um absurdo), então devemos [mudar?!] essa história, como? NÃO SEI; Mas tem acabar essa roubalheira, essa palhaçada. O Brasil já passou por muitas crises, e tropeços, mas esse é um absurdo, não podemos deixar isso acontecer, temos que agir. Na minha opinião o Brasil é um dos melhores países, em relação a tudo, mas atualmente tá uma ‘vergonha’.”</i>
Estudante 16A	<i>“[...]doutrinaram as nossas terras e extraíram as nossas matérias primas para serem fornecidas a Portugal, sua metrópole. Diversas pessoas de povos distintos participaram da construção do nosso país especialmente os negros africanos trazidos para cá durante o Brasil colonial. Eles também passaram por uma doutrinação religiosa, sofriam duros castigos frequentemente e até hoje são um</i>

	<i>símbolo de resistência [...] Um marco importante da história do nosso país é a ditadura militar, um governo instituído a partir de um golpe onde os militares tomaram o poder[...] Claro que houveram problemas após isso como a corrupção, mas certamente estamos no caminho para um país justo, com liberdade de expressão e respeito as diversidades.”</i>
Estudante 17A	<i>“[...] A ditadura militar que ocorreu no Brasil, foi uma época bastante militares em ação, uma época onde as regras eram duras, e que muitas pessoas acabaram morrendo, e é daí que podemos tirar o que estamos vivendo no nosso país hoje, violência, não a mesma violência de antes, mas o nosso país, conhecido pelo país do Futebol, um país sem segurança, e com uma renda salários dos trabalhadores pouca, porém nosso país tem no Rio Grande do Sul o maior parque de energia eólica, e graças a Deus abolimos a escravidão, e infelizmente ainda ocorre atos racistas. O nosso país em si teve poucos presidentes que ajudaram de verdade o país, nossa história e futuro sobre a presidência e político, muitos roubos e desvios ocorre, e mudamos isso, aliás a história do nosso país é a gente que faz.”</i>
Estudante 19A	<i>“[...] Por volta de 1960, houve um golpe de estado, para derrubar o presidente, e o país ser assumido pelos militares, após muita luta e resistência conseguimos reverter isso.”</i>
Estudante 20A	<i>“[...] o Brasil é uma guerra ‘moderna’ com algumas pioradas segue o caminho das guerras de antigamente, mas com algo tem que mudar, a corrupção foi uma delas ‘a mudança’ que só faz nosso Brasil ir mais ao fundo do poço.”</i>
Estudante 2B	<i>“[...] Nesse tempo as mulheres eram tratadas com descaso principalmente as mulheres negras. Até hoje nós temos um país de racismo e quem domina são os homens de muita posse financeira.”</i>
Estudante 3B	<i>“Meu país era habitado pelos indígenas mas os portugueses encontraram essa terra depois dos indígenas e começaram a explorar fizeram também um acordo com os índios por meio da troca, só que, quem se beneficiava eram os portugueses, porque eram eles que recebiam coisas valiosas, como o pau-brasil. Os portugueses levavam o pau-brasil para Portugal com o intuito de usar a cor que havia no pau-brasil para dar cor a roupa do rei de Portugal, primeiramente quem descobriu o Brasil foi Dom Pedro Álvares Cabral, o tempo foi passando e os portugueses começaram a invadir tendo posse da terra, expulsando, maltratando, matando os indígenas, por isso hoje nós não costumamos ver os índios</i>

	<i>frequentemente...</i> ”
Estudante 4B	“ <i>O Brasil foi descoberto por portugueses que navegavam em busca de novas terras. Quando chegaram aqui haviam indígenas habitando o território.</i> ”
Estudante 6B	“ <i>A história do meu país foi fundada pela Proclamação do Brasil que foi criada por D. Pedro I que foi um grande regente do nosso país, ajudou muito ele até contra a escravidão, também na batalha de Jenipapo que muitas mulheres trocaram suas joias por armas e também se engajaram na guerra pela independência do Brasil e tanto que ganhou a maioria das guerras que participaram mas também teve suas derrotas como a busca para o fim da escravidão que teve muita luta mas foi conquistado com muito trabalho. E o que eu tenho para dizer do meu país, que é um país vitorioso pelas suas conquistas.</i> ”
Estudante 7B	“ <i>A história do meu país Brasil era muito <u>influyente</u> (palavra próxima da original já que esta estava ininteligível) que estava começando bem estava mau e continuou ruim.</i> ”
Estudante 8B	“ <i>O meu país é o Brasil, eu sei um pouco da história dele. Antes do Brasil se formar um país e ser descoberto passou por muitas revoluções e guerras e lutas para ser um país...</i> ”
Total de Frequências:	11 estudantes do colégio A 6 estudantes do colégio B

Fonte: Questionários aplicados em (2017 e 2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifo nosso)

As frequências acerca dos possíveis pertencimentos nacionais foram destacadas em 17 narrativas, sendo mais da metade do total delas, que são 30. Numa primeira leitura só identificamos as que estão ligadas aos pronomes possessivos, no entanto, dentro do conjunto e com uma leitura mais atenta acabamos por perceber algumas relações de pertencimento no desenrolar do texto, mesmo que sutis.

As expressões que se ligam a uma relação de pertencimento mais direta, se concentram no início ou final do texto, tais como: “meu país”, “a história do nosso país”, com destaque para uma/um estudante que se inclui como agente histórico,

O nosso país em si teve poucos presidentes que ajudaram de verdade o país, nossa história e futuro sobre a presidência e político, muitos roubos e

desvios ocorre, e mudamos isso, aliás a história do nosso país é a gente que faz (ESTUDANTE 17A) (grifo nosso).

Além de se incluir como parte ativa da construção da história do país a/o estudante cita situações e acontecimentos que identifica como parte do seu país, “as riquezas”; “sem escravidão”; de outro lado temos as “mazelas”, o racismo, a violência.

As/ os estudantes do colégio A, ora se identificam com um país de riquezas e que celebra a diversidade ou que “vai bem”, ora passam a “repelir” ou não se identificar com as fases ruins do país, com suas falhas e desorganização política e econômica que os afeta também. Já as/os estudantes do colégio B, não seguem um “padrão” de respostas, são bem variadas.

Podemos perceber que há uma divisão da relação de pertença que elas/eles estabelecem. A primeira está ligada a fatos que incidem diretamente no seu presente, na sua vida. A segunda é em relação a acontecimentos que marcaram a história do Brasil. Os fatos que incidem com seu presente são a crise econômica e política do país, o sentimento de “vergonha” para com a corrupção política, o racismo e o machismo.

A segunda relação com os acontecimentos históricos que marcam uma ligação com a história do país são, a miscigenação, como fator típico do Brasil; a democracia, no sentido da participação política do povo na escolha dos representantes; ditadura militar brasileira, como um “problema superado”; os indígenas como habitantes originários do território, porém elas/eles não incluem os povos indígenas como nossos ancestrais.

Os negros também são citados como participantes e construtores da história do “nosso país” e para a/o estudante 16A são considerados símbolos de resistência,

Diversas pessoas de povos distintos participaram da construção do nosso país especialmente os negros africanos trazidos para cá durante o Brasil colonial. Eles também passaram por uma doutrinação religiosa, sofriram duros castigos frequentemente e até hoje são um símbolo de resistência [...].

Somente uma/um estudante identificou diretamente uma personalidade histórica, que foi D. Pedro I, como “grande regente do nosso país”, com um legado de conquistas do Brasil, revelando certo sentimento de patriotismo. Assim, como Cainelli e Barca (2018) no trabalho sobre a aprendizagem histórica com jovens de Portugal e Brasil, compreendemos que,

[...] precisamos, em nossa análise, levar em consideração as teias tensionadas de formação da identidade desses jovens, a qual é complexa, constituída por

uma rede de pertenças, em que os sentimentos e ideias ligados a um povo se integram numa relação de consenso, tensão ou, por vezes, de conflito (CAINELLI; BARCA, 2018, p.11).

Essa teia de tensões e “sentimentos” está indicada nas narrativas dessas/desses estudantes, são pertencimentos que estão ligados ao que há de “bom” no país, mas que também percebe o que há de “ruim” e sabem que este tem sua parte na história, só que são partes “soltas” de uma história que foi contada para elas/eles acreditarem que é assim que acontece.

Alguns elementos de pertença trazidos por essas/esses estudantes, como a mestiçagem e a identificação com personagem monarca remetem a resquícios de uma educação propagada durante o período republicano, com base numa identidade nacional patriótica (BITTENCOURT, 2007).

Poucos se identificaram como descendentes africanos ou indígenas, ou até mesmo se identificam com uma figura feminina da história do país e temos muitas, mas provavelmente elas/eles não tiveram a possibilidade de ouvir e conhecer essas histórias que também construíram a história do país delas/deles e que talvez se aproximasse da sua história de vida.

Possivelmente, o sentimento de pertencimento, para se constituir, necessita ser mediado por histórias que reforcem o seu sentido. Para Bittencourt (2007, p.50),

torna-se fundamental aprofundar estudos sobre os diferentes sujeitos que participaram e participam da história local e nacional, sejam indígenas, trabalhadores urbanos e rurais, políticos, empresários, fazendeiros, religiosos, etc.

Conhecer as histórias de diferentes sujeitos históricos, continua sendo uma necessidade para que as/os estudantes e professores se identifiquem com esses sujeitos. Outras histórias podem contribuir para que esse elo de identificação seja possível. Contudo, a relação dos/das estudantes com esse passado precisa ser mediada pela leitura crítica da história, pela problematização do presente e pela abordagem dessas outras histórias ainda não contadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise das narrativas sobre pertencimentos nacionais compreendemos que a temática, como desenvolvido nas seções desse trabalho, está inter-relacionada com as consciências históricas das/dos participantes e suas identidades que irão habilitar essas/esses jovens para se orientar na vida prática.

Rüsen (1992) estuda a consciência histórica, como já abordamos, e um dos seus trabalhos apresenta alguns estágios do desenvolvimento desta consciência histórica que é manifestada através da competência narrativa, assim como outros autores que tratam do conceito em seus trabalhos, como Cerri (2010) e Bonete (2013), que também dialogam com ele.

Para Rüsen (1992, p.08), “a forma linguística dentro da qual a consciência histórica realiza sua função de orientação é a da narração”. O relato de uma história requer da mente humana uma junção da sua síntese histórica das dimensões do tempo que se soma aos seus valores e a experiência (RÜSEN, 1992).

Por meio da narração se pode tipificar a consciência histórica em quatro pontos ou estágios e assim identificar as competências narrativas, os quatros tipos de consciência são: tradicional, exemplar, crítico e genético. Quando identificamos os pertencimentos nacionais destas/destes jovens sergipanas/sergipanos que apontam seus conhecimentos históricos, mesmo que de forma parcial, passamos a compreender e refletir sobre as consciências históricas delas/deles e conseqüentemente sua capacidade de orientação na vida que pode estar ligada a sua formação como cidadã/cidadão.

Para identificar os possíveis pertencimentos nacionais das narrativas levantamos as seguintes categorias: 1) Acontecimento fundador; 2) História marcada pela violência fundadora; 3) Relação passado presente - que se subdivide em dois aspectos, problemático e satisfatório, e 4) Acontecimento que indique relação de pertença nacional.

No arcabouço das 69 narrativas escritas pelas/pelos jovens participantes identificamos que ao mesmo tempo em que elas/eles reconhecem um passado comum, com o “descobrimento”, as/os indígenas, a escravização indígena e das/dos africanas/africanos, não integram essas narrativas à sua história pessoal, da sua rua, da sua comunidade ou até mesmo da sua escola a esse passado, ou só limitam seu conhecimento sobre o país a um período específico, no caso o período colonial, porém, definidor dos rumos da história nacional, principalmente pelo modo em que continua sendo contado.

Isto nos leva a refletir sobre a aprendizagem histórica que é realizada nas escolas, mas também na vida cotidiana, através de outros meios interativos tanto de informação quanto de convívio social. Compreendemos através de Rüsen (1992) que esta aprendizagem está diretamente ligada ao tipo de consciência histórica dessa/desse jovem por isso, identificamos alguns dos tipos elencados por ele nas narrativas das/dos participantes.

Separando as narrativas por faixa etária analisamos em quais tipos elas se situam. Nos textos das/dos alunas/alunos de 12 anos das instituições A e B há uma predominância do tipo tradicional e exemplar, mas também há ocorrências do tipo crítico. Nas narrativas das/dos jovens de 16 anos de ambas as instituições a predominância é do tipo crítico, seguido do tipo tradicional e exemplar e quase nenhuma ocorrência do tipo genético.

Para cada tipo de consciência histórica utilizamos uma palavra-chave que esteja relacionada ao seu significado, para compreendermos esta tipificação aos moldes de Rüsen (1992) o tipo tradicional constitui a condição inicial para os outros tipos e cada um depois é pré-condição para o seguinte.

Assim, seguindo o esquema das palavras-chaves, temos o tipo tradicional que está ligado a moral como guia de uma tradição que é quase que inalterada com o passar dos anos; o tipo exemplar é representado pelas regras que assim como no tipo tradicional são pouco mutáveis e servem como guia geral para a conduta humana; o tipo crítico é identificado pela contranarração que através da negação de pontos de vistas “cristalizados” se possa formular novos pontos de vista históricos que abarquem outras versões e se rompa com a continuidade; por fim, temos o tipo genético, sua palavra de ordem é a mudança os acontecimentos, a história é tida como algo em constante mudança e é esta que dá sentido a ela (RÜSEN, 1992).

Como podemos observar nas narrativas das/dos estudantes de 12 anos que participaram da pesquisa prevalece o tipo tradicional e exemplar. Nas narrativas dos/das jovens de 16 anos há predominância do tipo crítico. Importa ressaltar que são estudantes de instituições diferentes que estão agrupados por faixa etária, o que pode nos indicar que a história escolar segue uma mesma orientação narrativa em ambas instituições, bem como pode nos levar a pensar que as vivências dessas/desses jovens têm pontos em comum, ou que se aproximam, pelas interações sociais que experienciam.

Segundo Rüsen (1992, p.23),

A experiência de ensinar história em escolas indica que as formas tradicionais de pensamento são mais fáceis de aprender, a forma exemplar domina a maior parte dos currículos de história, as competências críticas e genéticas requerem um grande esforço por parte dos docentes e do aluno.

A partir dos estudos de Rüsen (1992) e das narrativas das/dos estudantes podemos identificar, mesmo que em linhas gerais, as competências narrativas que elas/eles apresentaram nos seus textos de acordo com sua idade e tipificação da consciência histórica, as/os estudantes de 12 anos em sua maioria vivenciam a competência para experiência histórica que é de perceber o passado como distante e diferente do presente, mas condicionante da realidade (CERRI, 2010).

As/os estudantes de 16 anos vivenciam, também em sua maioria, a competência de interpretação que é “a capacidade de interpretar o que se aprendeu do passado através de sentido e significado que reconstruímos continuamente [...]” (CERRI, 2010, p.275). Aqui abordamos como maioria, mas essas competências aparecem por muitas vezes mescladas e não isoladas, no entanto, foi possível identificar um teor mais crítico e contranarrativo nas narrativas das/dos alunas/alunos de 16 anos do que nas das/dos de 12 anos.

Esse teor crítico também não é específico das/dos participantes de 16 anos, pois temos algumas das narrativas de alunas/alunos de 12 anos que demonstram uma “ruptura” de uma história nacional naturalizada pelo “descobrimento” do Brasil. Por isso, tomamos o termo “linhas gerais” na definição das competências narrativas, pois entendemos que o trabalho de agrupação e categorização de cada narrativa e identificação delas requer maior tempo e profundidade de análise o que para o momento não nos é viável.

Pudemos observar um salto qualitativo das narrativas das/dos jovens de 12 anos para as/os de 16 anos, na escrita, na argumentação histórica com mais conteúdo, isso demonstra que o trabalho das escolas e em especial, das/dos professoras/professores vem sendo realizado com empenho, apesar dos inúmeros empecilhos que infelizmente fazem parte da realidade da educação pública do Brasil.

As narrativas das/dos jovens estudantes sergipanas/sergipanos nos trouxeram muitas possibilidades para refletir sobre a Didática da história, consciência história e formação do cidadão. As categorias que elencamos nos ajudaram a chegar ao ponto central de nossa problemática, a dos pertencimentos nacionais.

Percebemos que há uma identificação de relação de pertença mais com o presente do que com o passado. Dados presentes em 23 narrativas (somamos o resultado das duas faixas etárias) que mostraram frequências nas menções, tanto nas das/dos jovens de 12 anos quanto nas das/dos de 16 anos de um total de 69 participantes.

As relações de pertença das/dos jovens de 16 anos têm uma variedade maior de elementos do presente e acontecimentos históricos em comparação a das/dos de 12 anos. Essas relações de pertença se aproximam no sentido de que ambas/ambos alternativamente se identificam tanto com as “bonanças” do país quanto com as suas “mazelas” que também fazem parte dele.

Entendemos o ensino de história como um campo para a formação cidadã, em consequência, formação do cidadão nacional, que esteve por muito tempo ancorado num processo histórico de homogeneização identitária dessa/desse cidadã/cidadão nacional, em virtude das narrativas históricas privilegiadas em sua formação.

Isso nos faz refletir sobre a identidade nacional dessas/desses jovens e suas relações de pertença que parecem estar “soltas” em histórias que continuam sem fazer sentido para elas/eles. Com isso, entendemos que “em termos políticos as identidades estão em crise porque as estruturas tradicionais de pertencimento, baseadas nas relações de classe, no partido e na nação-estado, têm sido questionadas” (MERCER *apud* WOODWARD, 2014, p. 37).

Questionamentos que nos desafiam a considerar que, apesar da presença de narrativas dos tipos tradicional e exemplar, também estão presentes as contranarrativas de que fala o tipo crítico, em sua maioria entre os/as jovens de 16 anos, denotando que o Ensino de História produz transformações no tipo de consciência histórica entre os/as jovens sergipanos/sergipanas.

Essas contranarrativas se situam nos quatro eixos que elencamos nessa análise, como já indicados acima, quais sejam: 1) Acontecimento fundador; 2) História marcada pela violência fundadora; 3) Relação passado presente - que se subdivide em dois aspectos, problemático e satisfatório, e 4) Acontecimento que indique relação de pertença nacional.

As narrativas evidenciam um conteúdo mais crítico em relação a história nacional, mostrando que a História como disciplina escolar tem incorporado as temáticas da resistência indígena e africana, a participação feminina em alguns acontecimentos históricos, entre tantas outras histórias que num passado recente da história do Ensino de História passaram despercebidas e/ou silenciadas.

Apesar disso, importa indicar que ainda estamos longe de mudar e romper com essas continuidades que só servem para justificar uma sociedade que desde a invasão portuguesa é marcada pelo processo colonizador que continua presente, o que se evidencia nas narrativas por alguns traços que permanecem, como a linearidade, a referência a fatos/marcos que seguem uma perspectiva tradicional e ou exemplar, pouca relação entre passado e presente e a

dificuldade em estabelecer relações entre a História Nacional e o presente vivido, seja como sujeito ou como coletividade.

A abordagem de uma história única foi e continua sendo questionada e debatida entre os movimentos sociais que reivindicam o seu “lugar de fala” em muitos âmbitos da sociedade. Na educação não é diferente, pois a conquista de políticas públicas que contemplem outras histórias resulta da constante reivindicação pelo direito à história e a memória de diferentes movimentos sociais, como por exemplo a promulgação da lei 10.639/2003 e 11.645/2008 que instituem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em todos os níveis da educação básica do país.

Não pretendemos aqui entrar numa discussão sobre a lei, sua aplicabilidade, se está ocorrendo da forma exigida ou não, no entanto, não podemos deixar de indicar por este estudo, mesmo com base numa amostra quantitativa não representativa do estado, que aparentemente, ainda há muito a ser feito no campo da história da formação brasileira. Pouco se fala sobre a história indígena e afro-brasileira.

Permanece uma abordagem da história que privilegia ainda a narrativa eurocentrada, pois mesmo sendo evidenciada a presença indígena e africana, o fio condutor da narrativa das/dos estudantes não sofreu um deslocamento, principalmente se observamos que o acontecimento fundador do Brasil é a presença portuguesa, e não os povos indígenas como portadores de uma história que lhes é própria.

Se a consciência histórica serve para que os sujeitos entendam de onde vieram e para onde irão ou podem ir, o seu papel no mundo, na sua comunidade e na sua vida, cientes das historicidades advindas antes deles existirem, essas histórias silenciadas precisam ser contadas, escutadas e reconhecidas.

A pesquisa com narrativas nos deu muitas indicações do que estas/estes jovens absorvem de conhecimento sobre determinado assunto, tanto nas aulas quanto fora da escola e este trabalho demonstra que elas/eles não são “poços vazios” de saberes e opiniões.

Elas/eles questionam e criticam o seu presente. Presente que não está dado como única possibilidade, mas que é historicamente produzido, e, para que seja compreendido como passível de mudanças significativas, importa compreender como esse presente se constituiu e como nele nos situamos para assim pensar novas possibilidades de futuro.

5 REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Aprendizagens em História. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo, Cortez, 2008. cap. 2, p. 181-216.
- _____. Identidades e ensino da história no Brasil. In: CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZÁLEZ, Maria Fernanda(Org.). **Ensino da história e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007. cap.2, p.33-52.
- BONETE, Wilian Junior. **Ensino de história, consciência histórica e a educação de jovens e adultos**. Universidade Estadual de Londrina. 2013. p.198. Disponível em: <periodicos.unb.br/index.php/hh/article/download/21112/19122>. Acesso em: 19 abr. 2018.
- CAIMI, Flávia Eloisa; MISTURA, Letícia. Representações de estudantes sobre heróis nacionais: histórias conectadas de Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. In: CERRI, Luis Fernando (org.). **Jovens e a História: Brasil e América do Sul**. Ponta Grossa: UEPG, 2018. p.137-161.
- CAINELLI, Marlene; BARCA, Isabel. A aprendizagem da história a partir da construção de narrativas sobre o passado. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, p. 1-16, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e164920.pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.
- CERRI, Luis Fernando. Os objetivos do Ensino de História. **História Ensino**, Londrina, PR, v. 5, p. 137-146. 1999. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12442/10931>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- _____. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. **Revista de História Regional**. v.6, n.2, p. 93-112, 2001. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133/1614>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- _____. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. **Revista de História Regional**, v.15, n. 2, p. 264-278, Inverno, 2010. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2380/1875> Acesso em: 17 set. 2017.
- _____. Nação, nacionalismo e identidade do estudante de história. In: GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís; MONTEIRO, Ana Maria (Org.). **Qual o valor da história hoje?**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. cap. 10, p. 168-187.
- _____. O Historiador na reflexão didática. **História & Ensino**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 27-47, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/14935/13006> Acesso em: 17 set. 2017.

_____. Entrevista. **Revista de Teoria da História**. Universidade Federal de Goiás, ano 6, número 12, dez/2014. ISSN: 2175-5892.
Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br.com>> . Acesso em: 16 set. 2018.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História** – Ensaios. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. p.32-44.

LUCINI, Marizete. Ensino de História e formação para a cidadania: reflexões sobre a intencionalidade no ensino de História como elemento de formação histórica, política e cidadã. In: CERRI, Luis Fernando (org.). **Jovens e a História: Brasil e América do Sul**. Ponta Grossa: UEPG, 2018.

PINSKI, J; PINSKI, C. B. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, L. (org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

RÜSEN, Jorn. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Revista Propuesta Educativa**, Buenos Aires, Año 4, n.7, p.27-36. oct. 1992. Tradução para o espanhol de Silvia Finocchio.. Tradução para o português por Ana Claudia Urban e Flávia Vanessa Starcke. Revisão da tradução: Maria Auxiliadora Schmidt. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1172513/mod_resource/content/1/Jorn%20Rusen%20e%20o%20Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf> . Acesso em: 11 jul. 2019.

_____. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 2, p. 7-16, jul.-dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/279>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. **Acta Scientiarum**. Education. Maringá, v. 34, n. 2, p. 211-220, July-Dec., 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/16989/pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

SILVA, M. A história vem a público. In: SILVA, M. (org). **História: que ensino é esse?** Campinas: SP, Papirus, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2004. p. 7-72.

ZAMBONI, Ernesta. Projeto pedagógico dos Parâmetros Curriculares Nacionais: identidade nacional e consciência histórica. **Cadernos Cedes**, Campinas, v.23, n.61, p.367-377, dez.2003. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 20 jul. 2017.

_____. LUCINI, M.; MIRANDA, S. R. O saber histórico escolar e a tarefa educativa na contemporaneidade. . In: SILVA, M. (org). **História: que ensino é esse?** Campinas: SP, Papirus, 2013.

6 ANEXOS

ANEXO A (TCLE):

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **OS JOVENS SERGIPANOS E SEUS PERTENCIMENTOS NACIONAIS: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**. Nesta pesquisa pretendemos analisar as narrativas produzidas por jovens sobre os seus pertencimentos nacionais e as implicações destas no Ensino de História em Sergipe. O motivo que nos leva a estudar a temática sobre os pertencimentos nacionais é que está permeada por saberes que circulam socialmente e possui implicações na vida escolar e nos processos de ensinar e aprender história que podem ser melhor compreendidos se conhecermos quais narrativas são elaboradas sobre seus pertencimentos a partir dos próprios jovens.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: Solicitaremos ao participante que escreva duas narrativas sobre a história do seu país e a história da democracia. Tal tarefa será realizada na escola, junto com outros alunos que aceitem participar da pesquisa. É previsto em torno de quarenta e cinco minutos para a escrita das narrativas. Os pais terão a liberdade de se recusar a autorizar o jovem a participar; e o jovem tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você e/ou o jovem queiram mais informações sobre este estudo podem entrar em contato diretamente com os responsáveis pela pesquisa pelo telefone (79) 99962-9129. Os riscos envolvidos na pesquisa não apresentam, a priori, consequências adversivas aos seus participantes, para além de possível fadiga ao final da escrita das narrativas. Caso se detecte, no decorrer no processo de investigação, algum risco para os participantes e para os pesquisadores envolvidos, a pesquisa poderá ser interrompida, a partir da necessidade específica. Desse modo, aos participantes será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. O participante terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Ao participar desta pesquisa, o jovem não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outros jovens. Além disso, a reflexão sobre a história do seu país e da democracia é um exercício de cidadania interessante em qualquer etapa da escolaridade.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento

sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a). O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal de Sergipe e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **OS JOVENS SERGIPANOS E SEUS PERTENCIMENTOS NACIONAIS: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Cristóvão, Sergipe, _____ de _____ de 20 .

Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável: Crislane Dias Santana

Endereço: Universidade Federal de Sergipe Campus São Cristóvão - Avenida Marechal Cândido Rondon, s/n, Jardim Rosa Elze.

CEP: 49100-000 / São Cristóvão- SE

Fone: (79) 99600-1141

E-mail: crislayne_santana19@hotmail.com

ANEXO B (Formulário de dados básicos):

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marizete Lucini

Mestranda: Crislane Dias Santana

**OS JOVENS SERGIPANOS E SEUS PERTENCIMENTOS NACIONAIS:
IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

Olá! Obrigada por participar dessa pesquisa.

Para começar, gostaríamos de saber um pouco mais sobre você:

- **Data de nascimento:** ____/____/____

- **Sexo:** Feminino () Masculino ()

As perguntas abaixo são opcionais, isto é, você só responde se quiser e como quiser.

- **Qual cidade reside e o bairro?**

- **Renda familiar:** R\$____ por mês, somada a renda de todas as pessoas que moram contigo.

- **Pertencimento étnico-racial:**

- **Religião:** _____

-Nível de escolaridade de seus pais:

Mãe: Ensino fundamental completo () Ensino fundamental incompleto ()

Ensino médio completo () Ensino médio incompleto () Graduação ()

Pai: Ensino fundamental completo () Ensino fundamental incompleto ()

Ensino médio completo () Ensino médio incompleto () Graduação ()

ANEXO D (Narrativas completas das/dos jovens das instituições A e B):

Quadro 11. Conte a História do seu país. **Jovens 12 anos da instituição A.**

Sujeitos	Narrativa elaborada
Estudante 1	<i>“Em 1500 d.C. Pedro Alvares Cabral chegou ao Brasil, chegando no Brasil os indígenas já habitavam aqui, os portugueses invadiram as terras dos índios mataram, faziam de escravos, outros tentavam fugir, eles faziam de escravos, outros tentavam fugir, eles faziam trocas com os índios como: eles escravizaram os indígenas e davam alguns objetos em troca, mais nada compensava com as dores que eles tinham. Também entre 1500 e 1530 teve a extração do Pau-Brasil, açúcar e etc... E isso foi do período pré-colonial até a independência do Brasil que foi em 1822 proclamada por Dom Pedro I.”</i>
Estudante 2	<i>“Bom, no ano de 1500, os homens brancos chegaram ao Brasil, terra que eles pensavam que não existia ninguém, mas os índios bem antes já tinham chegado aqui. Eles encontraram os índios e tentaram mudar os costumes deles, com a ajuda de padres que eram conhecidos como jesuítas. Eles tentaram mudar o modo de comer, o modo de falar, e até obrigaram a colocar vestimentas. Eles tentaram tomar suas terras e até hoje tentam, tanto que existem muito poucos índios no Brasil. Já de 1500 a 1530 foi a descoberta do pau-Brasil, que foi um grande modo de ganhar dinheiro, e depois surgiu outros modos, como a cana de açúcar, o ouro... Já com a escravidão, os negros eram levados em navios negreiros, muitos morriam pela má condição de vida, eles eram vendidos, até a rainha assinar o tratado de Tordesilhas, mais depois de um tempo tudo voltou. Mas em 07/09/1882 D. Pedro I proclamou a independência do Brasil as margens do rio Ipiranga.”</i>
Estudante 3	<i>“Em 1500 d.C., Pedro Alvares Cabral, chega com várias caravelas ao Brasil. Eles e todos os que estavam embarcados eram portugueses. Ao chegar nas terras do Brasil, eles se encontraram com seres humanos negros, os índios. Ao explorar as terras eles perceberam que o país era cheio de riquezas naturais como uma grande variedade de frutas, muitas plantas medicinais e o principal, o pau-brasil, uma planta muito rara que fornecia, por exemplo, um tipo de tinta. Para exportarem esses recursos, os portugueses trocavam mercadorias com os indígenas (as caravelas tinham muitas mercadorias pois, o objetivo era chegar na Índia, mas acabaram ‘encontrando’ o Brasil).”</i>
Estudante 4	<i>“Tudo começou com a chegada dos portugueses.”</i>
Estudante 5	<i>“Eu sei que o Brasil se iniciou com a Independência do Brasil. E os primeiros povos ao chegar no Brasil foram os indígenas. E teve uma fala que Dom Pedro II falou ‘Independência ou morte’.”</i>
Estudante 6	<i>“Os portugueses chegaram em 1500 mas os índios já estavam aqui, mas quem disse que achou o país foram os portugueses em uma missão comandada por Pedro Álvares Cabral.”</i>
Estudante 7	<i>“O país começou com a independência ou morte atualmente tá na crise, desemprego e só.”</i>
Estudante 8	<i>“que eu gosto de morar no Brasil e não troco por nada do Brasil não saio daqui.”</i>
Estudante 9	<i>“O Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral. Ele foi colonizado por Portugal e ficou sofrendo como escravos por longos anos.”</i>
Estudante 10	<i>“O Brasil atualmente está muito cheio de roubalheira dos políticos, dos deputados, dos vereadores e etc. Atualmente os salários das pessoas estão atrasando muito.”</i>
Estudante 11	<i>“Eu sei que no início o Brasil era habitado pelos índios e os portugueses</i>

	<i>invadiram o Brasil e escravizaram os índios, depois os libertaram e escravizaram os africanos e colonizaram o Brasil e ensinaram seus costumes para os africanos pois para eles estavam errados, e assim surgiu.”</i>
Estudante 12	<i>“Eu aprendi no meu outro colégio quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral e ele morreu né uma data que eu não sei que eu me esqueci só isso que eu conseguir lembra minha memória está fraca.”</i>
Estudante 13	<i>“Tudo começa com Dom Pedro dizendo que descobriu o Brasil. Mas isso é mentira pois o Brasil já era descoberto, na história dizem que quando Dom Pedro I chegou ao Brasil tinha varias riquezas mas também é mentira. Você sabia que o coqueiro não é brasileiro, muitas coisas que falam que tem origem brasileira mais não tem, quando os portugueses chegaram no Brasil eles trouxeram muitas coisas, pois o Brasil só tinha Mato e índio.”</i>
Estudante 14	<i>“O Brasil foi descoberto em 1500 quando os portugueses chegaram aqui no Brasil, mais, as terras já eram ocupadas pelos os índios e teve uma guerra entre os índios e os portugueses, os portugueses queriam obter terra e eram melhor equipado do que os índios, por isso os portugueses ganharam e obrigaram os índios a fazer trabalho escravo. Depois de um tempo ficaram poucos portugueses no Brasil para cuidar das terras. Em 1522 os portugueses voltaram ao Brasil e começaram a viver aqui no Brasil.”</i>
Estudante 15	<i>“O meu pais que eu moro no Brasil ele está em mãos muito ruins na mão de Michel Temer. E o país está muito corrupto e também com muito racismo machismo e é contra sua religião.”</i>
Estudante 16	<i>“Os primeiros humanos a virem para cá pelo meridiano, pela serra da capivara tem muitos índices, só sei isso.”</i>
Estudante 17	<i>“O Brasil teve a independência do Brasil em 07 de setembro de 1507.”</i>
Estudante 18	<i>“Que eu me lembre ou acho porque no caso eu não me lembro muito bem, pois eu esqueci e quando os portugueses chegaram e teve uma guerra entre os indígenas e os portugueses porque eles chegaram na terra dos indígenas e tentaram pegar esse lugar e mudar esses costumes bom e isso o que Pedro Álvares Cabral fundou o Brasil.”</i>
Estudante 19	<i>“O Brasil é Rico, quem descobriu o Brasil foi Pedro Alves Cabral em 1500, e a independência do Brasil é no dia 07 de setembro, quando Pedro Alves Cabral chegou ao Brasil, ele encontrou os índios que já viviam no Brasil, e fizeram os índios como escravos.”</i>
Estudante 20	<i>“Havia um continente chamado pangeia depois de milhares de anos ela estava se decompondo suas partes foram espalhadas pelo mundo inteiro assim se formou os continentes os nomes deles são: América do norte, América Central, América do Sul, Ásia, África, Europa, continente Australiano. Depois esses continentes foram colonizados depois as espécies evoluíram no continente América tem um país chamado Brasil era cheio de vegetação, animais grandes e indígenas mas vieram os portugueses e os indígenas foram escravizados até que passou um século que foi criado o fim da escravidão assim o Brasil evoluiu.”</i>
Estudante 21	<i>“O Brasil era um país em que só havia indígenas, anos depois houve o encontro entre os Brancos e os índios onde houve muitas guerras, vários índios morreram e ficaram doentes com as doenças dos Brancos. Eles perderam tudo e alguns foram escravizados e foram levados para Portugal. Em 1500 o Brasil foi colonizado pelos Brancos, logo depois ele virou colônia de Portugal.”</i>
Estudante 22	<i>“O Brasil existiu quando a pangeia era um continente só ai após milhares de anos elas foram se espalhando pelo mundo inteiro assim formaram os continentes os nomes deles são, América do sul, América do norte, América central, Ásia, África, Europa, Austrália depois esses continente foram colonizados até os dias de hoje.”</i>

Estudante 23	<p><i>“Meu país é o Brasil, ele foi descoberto no ano de 1500. Quando os índios chegaram aqui havia muitas minas de ouro e eles moravam aqui. Só que logo depois chegaram os brancos e quiseram mandar no Brasil, porque como tinha muito ouro eles queriam se apoderar neh? Porque como eles eram brancos e os índios eram negros eles achavam que eles que tinham o direito de se apoderar do ouro. E também eles escravizaram os índios, batiam muito neles, chegavam a matar. FIM!!!”</i></p>
Estudante 24	<p><i>“O Brasil foi descoberto em 1500 pelos portugueses, mais antes disso o Brasil já tinha habitantes ‘os índios’ após disso houve uma guerra entre os portugueses e os índios pois ali era o habitat natural deles onde se alimentavam o trabalho da pesca e etc. E os portugueses queriam ocupa-se do local. O Brasil atualmente é comandado por presidentes da república, governadores e etc. Lá no período da descoberta o Brasil, os portugueses queriam se apossar da renda do pau-brasil atualmente o pau-Brasil é difícil de ser localizado.”</i></p>
Estudante 25	<p><i>“Que o Brasil foi descoberto em 07/09/1500 pelo Pedro Alvares Cabral quando os índios estavam no Brasil.”</i></p>
Estudante 26	<p><i>“Os índios já viviam no Brasil há muito tempo e em 1500 d.C os portugueses chegaram e acharam muito estranho porque só tinha árvores o Brasil era completo de mata e eles chegaram comandando tudo e escravizando os índios e os africanos que foram trazidos da África e antigamente quem mandava no Brasil que não tinha nem esse nome era Dom Pedro I.”</i></p>
Estudante 27	<p><i>“O Brasil teve a independência em 07 de setembro de 1822, a pessoa que descobriu o Brasil foi Pedro Alvares Cabral em 1500, onde os índios já estavam lá e que trocavam a nossa riqueza o Pau-Brasil por pentes, espelhos entre outros produtos, com muita luta eles conseguiram a independência.”</i></p>

Fonte: Questionários aplicados em (2017). Quadro elaborado pela autora. 2018. (grifo nosso)

Quadro 12. Conte a História do seu país. **Jovens 12 anos da instituição B.**

Sujeitos	Narrativa elaborada
Estudante 1	<i>“O que eu sei é que os índios descobriram o Brasil e tinha uns homens que vinham pegar tinta de tecido aí eles dividiram as terras.”</i>
Estudante 2	<i>“Os portugueses encontraram um continente que tinha muitas riquezas assim chegaram aqui no Brasil encontraram os índios, escravizaram os índios e aí a princesa Isabel libertou os negros e assim acaba.”</i>
Estudante 3	<i>“Brasil: Eu acho que ele foi descoberto pelos índios e depois os povos portugueses expulsaram e pegaram o território e pronto”.</i>
Estudante 4	<i>“O Brasil foi descoberto pelos portugueses que carregavam os escravos (negros) no navio negreiro.”</i>
Estudante 5	<i>“A voz do povo.”</i>
Estudante 6	<i>“Os portugueses vinham em navios que se chamavam Caravelas e um dia eles acharam um lugar que tinha um pé de pau que o nome dessa planta era pau Brasil e desse nome partiu para o nome do nosso país o Brasil, eu me orgulho do país que vivo.”</i>
Estudante 7	<i>“Quem descobriu o Brasil foram os índios logo após Pedro Álvares Cabral. Após a descoberta Pedro Álvares Cabral deu o nome do nosso país de Brasil.”</i>
Estudante 8	<i>“Antigamente eram os índios que moravam aqui no Brasil, Dom Pedro I estava navegando e avistou uma ilha aí falou ‘terra à vista’ e essa ilha se chamava Brasil aí moravam nela, como tinha falado, os índios, eles lutaram com os portugueses.”</i>
Estudante 9	<i>“É muito perigoso e um pouco bom, lá onde moro é uma rua um pouco perigosa porque tem mata aí é ruim morar numa rua assim, bom, é isso que eu sei do nosso país.”</i>
Estudante 10	<i>“Nada.”</i>
Estudante 11	<i>“O Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral. O Brasil já foi um país rico em minerais. O Brasil foi roubado por muitos outros países. O Brasil fica na América do Sul.”</i>
Estudante 12	<i>“Meu país é corrupto e democrático cheio de ladrão e violência.”</i>

Fonte: Questionários aplicados em (2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifo nosso)

Quadro 13. Conte a História do seu país. **Jovens 16 anos da instituição A.**

Sujeitos	Narrativa elaborada
Estudante 1	<p><i>“O Brasil, antes colônia de Portugal, foi descoberto no final do século XV por Pedro Alvares Cabral e se tornou um território bastante importante para a economia de Portugal, onde foram desenvolvidas as atividades mercantilistas e se tornou o maior produtor de cana de açúcar em todo planeta, levando Portugal ao auge de seu desenvolvimento. Durante esse período colonial, o Brasil recebeu em suas terras vários povos africanos que hoje reflete na miscigenação que existe no nosso país. E depois de muitos anos sendo colônia de Portugal, conseguiu sua independência no ano de 1822 quando a família real de Portugal veio ao Brasil fugindo de Napoleão Bonaparte e proclamaram a independência. O Brasil passou por vários governos diferentes, após sua independência, como por exemplo, a ditadura, onde o país foi governado por militantes. Hoje o Brasil é governado pela República.”</i></p>
Estudante 2	<p><i>“A história do Brasil é iniciada com a chegada dos portugueses por volta de 1500. Entretanto, esse território americano já estava sendo habitado por índios e antes foi povoado por três tribos os Incas, maias e astecas. Com o falecimento dessas tribos, os portugueses colonizaram os índios principalmente no litoral e posteriormente implantou-se as sesmarias e o governo geral. Com a descoberta de minérios e o aproveitamento satisfatório das duas capitânicas hereditárias de Pernambuco e São Vicente, o governo geral foi posto um fim com Tomé de Souza e Mim de Sá. Doravante, o Brasil passou a ser governado por D. Pedro I, que posteriormente fundou a 1ª Assembleia Constituinte, porém, logo foi fechada por satisfazer D. Pedro, que em seguida tornou-se o poder moderado cuja função exercida limitava o Estado, ocorreu também as noites das garrafadas pelo assassinato de um jornalista importante. Nesse contexto, a população revoltada pois um fim ao seu reinado, que posteriormente foi ocupado por seu filho, entretanto, o mesmo não podia governar devido a sua idade e o governo passou a ser dirigido por uma classe denominada de regentes e o poder foi dividido em conservadores e liberais. O grupo conservador suas propostas eram interferência do Estado na economia, por outro lado os liberais acreditavam que o mercado devia ser governado por uma mão invisível, teoria posta por Adam Smith. Contudo, com essa troca de poder entre liberais e conservadores os seus ideais ficaram confundidos. Chegando a um ponto em que um liberal era mais conservador no poder e um conservador era um liberal. Alguns historiadores afirma a frase ‘liberal e conservador são farinhas do mesmo saco’. Desse modo, com a instabilidade política surgiu um golpe de maioria tornando D. Pedro II imperador com apenas 14 anos. Todavia, o fim do período regencial e a ascensão de D. Pedro II, o governo passou turbulações, mesmo com a característica de D. Pedro II como bom manipulador. Nesse novo governo, ele distribuiu o Senado entre liberais e conservadores, de maneira mais organizada. Contudo, com o poder do imperador sobreposto a todos, ou seja, sendo superior aos três poderes propostos por Jean Jacques Rousseau, que são o poder legislativo, executivo e judiciário. Dessa maneira, o poder moderador tornou-se um problema, pois o mesmo não atendia o desejo da população. Dessa forma, o governo foi reprimido e D. Pedro II em conjunto com a família real foram depostos e dois anos depois D. Pedro II morreu de pneumonia. Retomando para o Brasil, depois de a família real sair, o governo ficou conhecido como ‘Governo das Espadas’, que era governado por militares e posteriormente foi proclamado o primeiro presidente da República. Entretanto, após diversas transformações do governo e pessoas chegamos a democracia passando a oligarquia e o período de transformações.”</i></p>
Estudante 3	<p><i>“Inicialmente, a terra era ocupada pelos nativos, os indígenas que tinham</i></p>

	<p><i>costumes totalmente diferentes dos europeus colonizadores que ocuparam a terra, o Brasil se tornou uma colônia de exploração dos portugueses que extraíam o pau-brasil, árvore que nomeou o país, posteriormente a terra foram divididas em capitânicas hereditárias e a economia era baseada na produção de cana-de-açúcar e café a base da mão de obra foi negro escravos, monocultura produzido em grandes latifúndios e a mercadoria era exportada para o exterior, depois de algum tempo o foco da economia se voltou a mineração, no Estado de Minas Gerais, a independência aconteceu em 1822 quando Dom Pedro proclamou a independência da república que se tornou livre de Portugal, ainda no século XVIII ocorreu a abolição da escravidão assinada pela Princesa Isabel que não ocorreu por bondade e sim por pressão imperialista, no século XX na era Vargas os trabalhadores adquiriram direitos, foi construído a capital, ocorreu a ditadura militar onde os direitos foram suprimido e ocorreu o impeachment do Presidente Collor e em 2016 a Presidente Dilma também sofreu impeachment”.</i></p>
Estudante 4	<p>“O Brasil, o meu país, foi descoberto pelos portugueses em 1500 com Pedro Álvares Cabral. Foi colonizado e em seguida começou a escravidão. Depois de sofrer com a escravidão, e de os estrangeiros desfrutarem de nossas riquezas, principalmente do pau-brasil, o país sofreu pois seus próprios habitantes, os índios, eram forçados a trabalhos desumanos. Os escravos vindos para o país com os navios negreiros foram catequizados, convertidos a acreditarem em deuses que não conheciam. Depois desse e outros diversos acontecimentos o país proclamou a independência.”</p>
Estudante 5	<p><i>“A história do Brasil se inicia, começa a ser contada, em 1500 com a chegada dos portugueses, mas antes disso, povos nativos estavam dispersos por todo território brasileiro. Foi uma colonização de exploração, para enriquecer o império português e favorecer a sua economia, tempos depois o país proclamou a sua independência e começou a ser regido por diversos imperadores. Depois disso vem a época do Brasil República e seus diversos presidentes, antes disso teve a época da escravidão para trabalhar nas fábricas de açúcar os escravos vinham da África, com promessa de vida boa e lucro, mas depois de um tempo isso foi abolido pela princesa Isabel. Voltando aos tempos atuais diversos avanços foram feitos do tempo do Brasil república aos atuais, e por incrível que pareça o Brasil progrediu muito.”</i></p>
Estudante 6	<p><i>“Foi descoberto em 1500, pelos portugueses, especificamente por Pedro Álvares Cabral, porém já era habitado pelos indígenas trazendo então a questão de quem foi que descobriu primeiro, logo de início o estranhamento dos indígenas ao verem os portugueses foi grande, mas depois os portugueses começaram a catequizar os indígenas em relação a cultura e religião. Como o país não tinha nenhuma divisão nem geográfica nem política os portugueses e espanhóis resolveram dividir o país, como capitânicas hereditárias e com o tratado de Tordesilhas, trazendo também os jesuítas para catequizá-los ao catolicismo e também desenvolveram interesse pelo pau-brasil e outras especiarias, dando início ao comércio pelos mares, levando também ao tráfico negreiro e exportação e importação, plantações de cana-de-açúcar até que no dia 15 de novembro foi declarada a independência do Brasil.”</i></p>
Estudante 7	<p><i>“A história do Brasil, como popularmente conhecida, iniciou-se de certa forma em 1500, quando os portugueses chegaram a colônia indígena. Pedro Álvares Cabral era o líder dos portugueses, e assim iniciou o período de grande exploração, utilizando índios e africanos como escravo para mandar obras-primas para Portugal. Ao passar do tempo D. Pedro I fez o grito de independência do Brasil. Mesmo que o Brasil tenha ficado independente, a exploração continuou com os negros sendo escravos dos Fazendeiros. Depois de muito tempo a Princesa Isabel fez um decreto para libertar os negros. Passamos por um momento complicado que foi a ditadura, em que muitas</i></p>

	<i>“pessoas não tinham direito a liberdade. Após esse momento passamos para a democracia que vivemos até hoje.”</i>
Estudante 8	<i>“O Brasil foi um que em 1500 foi invadido pelos portugueses, mas ficou conhecido como descobrimento do Brasil, porém os índios já habitavam o país então não era um lugar desconhecido, para ter sido descoberto igual muitos livros de história mostra e que é ensinado nas escolas após a invasão o Brasil começou a ser colonizado e os índios que aqui morava foram tendo sua privacidade invadida tendo que se adequar a nova rotina, os índios falava uma língua diferente dos seus visitantes e com isso ambos tiveram que aprender esses idiomas depois disso começou a catequização dos índios, convertendo em católico, religião que chegou ao Brasil nessa época e está presente até os dias atuais sendo a religião com maior número de pessoas, um tempo depois a família real veio morar no Brasil com isso veio para o Brasil a família real e os escravos. Nesse momento os negros chegam ao Brasil, principalmente no estado da Bahia, nesse momento chega também algumas religiões de matriz africana no Brasil, no qual está presente até os dias atuais. Depois disso aconteceu outros fatores importantes como a independência do Brasil e a libertação dos escravos entre outros acontecimentos.”</i>
Estudante 9	<i>“Sabemos que o Brasil sempre foi um país explorado e continua sendo. Desde quando foi ‘descoberto’ pelos portugueses o Brasil foi visto como fonte de exploração, sendo usado para retirada de matérias-primas e enriquecendo colônias. Na minha concepção, o Brasil nunca foi totalmente independente, acredito que desde o período de colonização o Brasil sempre precisou de uma ajuda para conquistar algo. Por ter sido muito explorado e muito disputado, o território (não diferente dos outros) foi formado com base no pensamento capitalista e por esse motivo apresenta desorganização estrutural, social, econômica e política. Apesar de ter um grande território, muitos países usufruem, sem pagar, prejudicando a economia brasileira.”</i>
Estudante 10	<i>“O Brasil começou a ser colonizado no ano de 1500 pelos portugueses, sendo que anteriormente a este fato, o mesmo era habitado pelas populações indígenas, os quais durante todo o período colonial foram tratados e usados como escravos da coroa portuguesa. Após esse período como colônia, o Brasil ganhou a sua Independência e posteriormente passou a ser República, o governado até pela ditadura militar, Vargas, Sarney, Lula, Dilma e o atual presidente Temer. Atualmente, o Brasil passa por uma crise econômica, devido a falta de administração coerente dos políticos os quais os governam ou governaram. Durante muito tempo e até hoje em dia, o Brasil viveu uma política café com leite (entre MG e SP).”</i>
Estudante 11	<i>“Brasil foi invadido pelos portugueses que tomaram as terras dos índios que habitavam. Tentaram catequizar eles e usaram eles como escravos. Depois de um tempo, negros passaram a vim para o Brasil e também ser escravizado. Demorou um longo tempo para os negros conseguirem a sua liberdade. O Brasil foi o último país a abolir a escravidão, o que pra mim é uma vergonha. Creio que até hoje o Brasil não terminou com essa palhaçada. Se é considerado ‘um país de todos’, porque ainda existe escravidão.”</i>
Estudante 12	<i>“O Brasil foi ‘descoberto’ pelos portugueses (por Pedro Álvares Cabral) no século XVI, e chamado de Terra de Vera Cruz. Até então, quem habitava o território eram os índios. A partir do ‘descobrimento’, o país passou a ser explorado pelos europeus, que usavam mão-de-obra escrava. D. Pedro proclamou a independência da República. O país foi dividido em 13 capitanias hereditárias, que eram exploradas. Nos engenhos havia produção de açúcar e café, que era sempre exportado os escravos, especialmente os índios, eram catequizados, com o pretexto de precisarem de salvação.”</i>

Estudante 13	<p><i>“(Falei sobre Atualidade) Bom, atualmente o país passa por uma situação difícil, a ‘crise’, a ‘roubalheira’ etc... O Brasil passa por uma crise absurda, com várias roubalheiras, os presidentes roubam, furtam etc... Uma coisa que muito discutem é sobre política, brigam, xingam etc... É roubo atrás de roubo. Muitos ficam discutindo sobre política, mas na verdade não tem partido honesto. O Brasil é um dos maiores países do mundo, maior exportador de carne, grande exportador de petróleo, entre outros, não podemos deixar esses ladrões acabarem com o país. Cada dia aumenta o imposto em algum produto; o salário mínimo (por exemplo) abaixou ‘10’ reais (um absurdo), então devemos [mudar?!] essa história, como? NÃO SEI; Mas tem acabar essa roubalheira, essa palhaçada. O Brasil já passou por muitas crises, e tropeços, mas esse é um absurdo, não podemos deixar isso acontecer, temos que agir. Na minha opinião o Brasil é um dos melhores países, em relação a tudo, mas atualmente tá uma ‘vergonha’.”</i></p>
Estudante 14	<p>Não respondeu a questão.</p>
Estudante 15	<p><i>“O Brasil foi descoberto para o mundo por um português, e foi a partir daí que começou a colonização do Brasil onde os portugueses e outros começou a exploração de vários tipos de materiais. O Brasil já era habitado por índios, quando os portugueses chegaram e encontraram os índios ofereceram coisas que não eram muito importantes para eles, mas para os índios era algo novo, por exemplo, espelhos, sapatos entre outros, e em troca os índios ofereciam o que tinham em grande quantidade, é o caso do pau-brasil. Os portugueses começaram a trazer os escravos da África para o Brasil, pois tinha a ideia de que o índio era preguiçoso. Por isso o Brasil tem uma grande diferença de etnias, e foi assim que o Brasil se formou. ”</i></p>
Estudante 16	<p><i>“Em 1500 os portugueses chegaram aqui no Brasil. Eles o invadiram, doutrinarão as nossas terras e extraíram as nossas matérias primas para serem fornecidas a Portugal, sua metrópole. Diversas pessoas de povos distintos participaram da construção do nosso país especialmente os negros africanos trazidos para cá durante o Brasil colonial. Eles também passaram por uma doutrinação religiosa, sofriram duros castigos frequentemente e até hoje são um símbolo de resistência. No dia 7 de setembro de 1822, Dom Pedro I declarou a independência do Brasil e a partir daquele momento este não era mais uma colônia. O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão e a proclamar sua república. Um marco importante da história do nosso país é a ditadura militar, um governo instituído a partir de um golpe onde os militares tomaram o poder. Durante esse período toda forma de expressão era reprimida com violência e a cada novo Ato Institucional a população sofria cada vez mais. Após a derrubada do governo ditatorial o Brasil voltou a ser uma república. Claro que houveram problemas após isso como a corrupção, mas certamente estamos no caminho para um país justo, com liberdade de expressão e respeito as diversidades.”</i></p>
Estudante 17	<p><i>“Em 1500, os portugueses invadiram o território que conhecemos hoje como Brasil, antes disso era habitado pelos índios, que era os donos, após os portugueses invadirem, fizeram trocas os índios, trocas bestas, mas já que os</i></p>

	<p><i>índios tiveram contato com joias, espelhos, aceitaram facilmente. Ao passar dos anos os portugueses instalaram colônias, onde cada uma das 13 colônias, tinha um governante. Para uma formação dos estados que temos hoje, demorou um tempo, e não foi algo normal, já que um estado se dividi em dois, exemplo disso é o Mato Grosso. A ditadura militar que ocorreu no Brasil, foi uma época bastante militares em ação, uma época onde as regras eram duras, e que muitas pessoas acabaram morrendo, e é daí que podemos tirar o que estamos vivendo no nosso país hoje, violência, não a mesma violência de antes, mas o nosso país, conhecido pelo país do Futebol, um país sem segurança, e com uma renda salários dos trabalhadores pouca, porém nosso país tem no Rio Grande do Sul o maior parque de energia eólica, e graças a Deus abolimos a escravidão, e infelizmente ainda ocorre atos racistas. O nosso país em si teve poucos presidentes que ajudaram de verdade o país, nossa história e futuro sobre a presidência e político, muitos roubos e desvios ocorre, e mudamos isso, aliás a história do nosso país é a gente que faz.”</i></p>
Estudante 18	<p><i>“Por volta de 1500 uma expedição vinda de Portugal comandada por Pedro Álvares Cabral chegou ao que se tornaria o Brasil. A partir disso, Portugal, que sem querer encontrou o Brasil, já que queria na verdade achar uma rota alternativa para a Índia se nomeou ‘dono’ da terra, apossando-a como colônia. Daí por diante foi um grande período de exploração e roubo de recursos, conflitos para o fim da exploração, até Portugal ceder e fazer um acordo de independência que no fundo foi mais uma forma de exploração por conta do muito que o Brasil teve que pagar.”</i></p>
Estudante 19	<p><i>“O Brasil foi conquistado nos anos de 1500, primeiro com o intuito de extrair suas riquezas, depois, um refúgio para a Família real. Para chegar no que é hoje, o Brasil passou por várias transformações, revoluções e ditaduras. O primeiro grande marco após seu conquistamento foi sua independência. Após + - 200 anos, foi assinada a lei Áurea para a libertação dos escravos e a transformação de um governo monárquico para um governo democrático. Por volta de 1960, houve um golpe de estado, para derrubar o presidente, e o país ser assumido pelos militares, após muita luta e resistência conseguimos reverter isso.”</i></p>
Estudante 20	<p><i>“Bom, a história do meu país é bem complicada e como previsto só tem a piorar. Bem longa eu vou tentar fazer um resumo geral dessa história. Com tantos ataques, guerras, Revolução, com a descoberta do Brasil os índios tomaram posse é assim foi descoberta essa nação. Daí vieram Reinados, dominação de terras, combates e etc. Resumo o Brasil de hoje, da atualidade, o Brasil é uma guerra ‘moderna’ com algumas pioradas segue o caminho das guerras de antigamente, mas com algo tem que mudar, a corrupção foi uma delas ‘a mudança’ que só faz nosso Brasil ir mais ao fundo do poço.”</i></p>
Estudante 21	<p><i>“Em 1500, os portugueses chegaram às terras brasileiras, exploraram e colonizaram. Portugal sempre no comando. Em 1808 com a chegada da família real portuguesa o império foi instaurado e em 1822 ocorreu a independência no governo de Dom Pedro I. Anos depois, já no governo de Dom Pedro II foi instaurado a República, o sistema no qual vários presidentes passaram e é</i></p>

	<i>presente até os dias atuais. O Brasil até 1888 explorava negros, e estes vinham de colônias na África para ser escravos no Brasil.”</i>
Estudante 22	<i>“Dado início no ano de 1500, a história do Brasil, é caracterizada por lutas, mas nem tanto por glórias. A começar, pela sua independência, que só foi alcançada 322 anos depois, no ano de 1822. E as lutas não acabaram por aí, pelo contrário, só começou e se dá continuidade até os dias atuais.”</i>

Fonte: Questionários aplicados em (2017). Quadro elaborado pela autora. 2018.(grifo nosso).

Quadro 14. Conte a História do seu país. **Jovens 16 anos da instituição B.**

Sujeitos	Narrativa elaborada
Estudante 1	<p><i>“No início o Brasil já era habitado pelos indígenas quando o Brasil foi encontrado por Pedro Álvares Cabral, onde ele conquistou as terras dos indígenas, dando a eles coisas que não tinham e não sabiam o que era. Logo em seguida D. Pedro I proclamou a Independência do Brasil.”</i></p>
Estudante 2	<p><i>“O Brasil foi um país habitado pelos povos indígenas. Os portugueses encontraram essa terra e pela teoria quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral. Os portugueses tomaram posse e começaram a explorar o Brasil, como eles tinham muito mais posses tornaram os índios escravos. Uma das coisas preciosas que eles descobriram no Brasil foi o pau Brasil, que era uma tinta vermelha que usavam na roupa do rei. Cana de açúcar, café era um dos elementos mais produzido no Brasil. Os escravos não tinham liberdade para fazer nada, então eles estavam revoltados com isso eles faziam quilombos e fugiam para um dos maiores quilombo que foi o de Zumbi dos Palmares, ele lutou muito pelo povo dele. Nesse tempo as mulheres eram tratadas com descaso principalmente as mulheres negras. Até hoje nós temos um país de racismo e quem domina são os homens de muita posse financeira.”</i></p>
Estudante 3	<p><i>“Meu país era habitado pelos indígenas mas os portugueses encontraram essa terra depois dos indígenas e começaram a explorar fizeram também um acordo com os índios por meio da troca, só que, quem se beneficiava eram os portugueses, porque eram eles que recebiam coisas valiosas, como o pau-brasil. Os portugueses levavam o pau-brasil para Portugal com o intuito de usar a cor que havia no pau-brasil para dar cor a roupa do rei de Portugal, primeiramente quem descobriu o Brasil foi Dom Pedro Álvares Cabral, o tempo foi passando e os portugueses começaram a invadir tendo posse da terra, expulsando, maltratando, matando os indígenas, por isso hoje nós não costumamos ver os índios frequentemente os anos foi se passando e Portugal decidiu quem governaria o Brasil e hoje está extinto o pau-brasil, por causa dos portugueses”.</i></p>
Estudante 4	<p><i>“O Brasil foi descoberto por portugueses que navegavam em busca de novas terras. Quando chegaram aqui haviam indígenas habitando o território. Depois ele foi colonizado pelos portugueses. O Brasil era um país que usavam mão de obra escrava, que só veio a acabar depois de muitos anos, conseguiu obter independência em 7 de setembro e hoje é um país democrático.”</i></p>
Estudante 5	<p><i>“Independente de Portugal, o Brasil podia fazer suas próprias leis. Em maio de 1823, uma assembleia constituinte formada por deputados de várias províncias brasileiras reuniram-se no Rio de Janeiro para elaborar uma constituição para o Brasil.”</i></p>
Estudante 6	<p><i>“A história do meu país foi fundada pela Proclamação do Brasil que foi criada por D. Pedro I que foi um grande regente do nosso país, ajudou muito ele até contra a escravidão, também na batalha de Jenipapo que muitas mulheres trocaram suas joias por armas e também se engajaram na guerra pela independência do Brasil e tanto que ganhou a maioria das guerras que participaram mas também teve suas derrotas como a busca para o fim da escravidão que teve muita luta mas foi conquistado com muito trabalho. E o que eu tenho para dizer do meu país, que é um país vitorioso pelas suas conquistas.”</i></p>

Estudante 7	<i>“A história do meu país Brasil era muito <u>influyente</u> (palavra próxima da original já que esta estava ininteligível) que estava começando bem estava mau e continuou ruim.”</i>
Estudante 8	<i>“O meu país é o Brasil, eu sei um pouco da história dele. Antes do Brasil se formar um país e ser descoberto passou por muitas revoluções e guerras e lutas para ser um país. Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil e nesse território habitavam os índios, e a coroa portuguesa veio até o Brasil e teve muitas guerras entre os índios e os pé de pena ‘os portugueses’ que os índios chamavam eles de pé de pena e houve muitas confusões, entre outras, muitos indígenas morreram entre esses combates e os portugueses traficavam as riquezas do Brasil para outros países e assim foi empobrecendo o Brasil. E o Brasil foi pagando para outras colônias para se tornar um só país.”</i>

Fonte: Questionários aplicados em (2019). Quadro elaborado pela autora. 2019. (grifos nossos).